

SENHOR EMPRESÁRIO

Na época festiva
do Natal

divulgue a sua actividade
nas páginas do
JORNAL DE SINTRA

**JORNAL DE SINTRA**

**TAXA PAGA
PORTUGAL
Sintra**

PUBLICAÇÕES
PERIÓDICAS

AUTORIZADO
A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO
FECHADO
DE PLÁSTICO
OU PAPEL
PODE ABIR-SE
PARA VERIFICAÇÃO
POSTAL

SEMANÁRIO REGIONALISTA INDEPENDENTE

ANTÓNIO MEDINA JÚNIOR (fundador) e JORNAL DE SINTRA galardoados com a Medalha de Mérito Municipal (Grau Ouro)

PROPRIEDADE: TIPOGRAFIA MEDINA, SA - ANO 78 - N.º 3959

PREÇO AVULSO - € 0,60 (c/ IVA)

DIRECTORA: IDALINA GRÁCIO DE ANDRADE

SEXTA-FEIRA, 30 DE NOVEMBRO DE 2012

Mira Sintra

**Casa Seis recebe
visita apostólica**

No prosseguimento da visita pastoral a Sintra, no dia 22 de novembro o Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Nuno Brás visitou demoradamente a Casa Seis, localizada em Mira Sintra, associação comunitária, que foi criada em 2000 após um trabalho realizado pelo núcleo de Sintra da Cívitas no Bairro da Azinhaga da Abelheira, em Agualva-Cacém inserido num projecto de luta contra a pobreza realizado entre 1995 e 2000. Actualmente a Casa Seis abrange 60 crianças a quem dá apoio pedagógico (explicações de português e matemática, formação informática e tutorias individuais). Os resultados de 17 anos de trabalho são hoje bem visíveis em áreas da cultura, social e desporto. Este projeto tem tido, desde o seu início, como meta principal responsabilizar e envolver a comunidade pelos resultados alcançados. Alarga a sua actividade a outras áreas de Mira Sintra, nomeadamente, Acção Social, Acompanhamento Sócio-Profissional e outros projectos transversais à actividade global da Casa Seis.

pág. 5



Grande entrevista
ao Vereador Pedro Ventura,
da CDU, ao Jornal de Sintra
“A Câmara
deve ser motor
do emprego
no concelho”
págs. 8, 9, 10

Eleições autárquicas 2013
Marco Almeida
apresenta
candidatura
pública

pág. 3

Sociedade
Medalha de
Mérito Municipal
(grau ouro) para
António Faias

pág. 6

Desporto / Monte Abraão
JOMA promove
dia 8 angariação
de fundos

pág. 13

www.filipe.laferia.pt

**UM MUSICAL DE FILIPE LA FÉRIA
NO TEATRO POLITEAMA**

Peter Pan

RESERVAS 213 405 720
MAIORES 4 ANOS

HISTÓRIA LOCAL / USOS E COSTUMES

Memórias de Um Povo (XI)

(Continuação)



A mãe daquele tempo

Quando uma mãe tinha um filho, ou quando alguém ia para o hospital, muitas pessoas iam visitar, e toda a gente levava ofertas, géneros alimentícios, as pessoas ficavam em a despenha cheia.

Muitas mães iam à vida delas, lavar roupa, apanhar erva, levar o jantar ao marido, etc. Não tinham tempo para dar atenção aos filhos, as vizinhas ou avós lá iam dar uma espreitadela, os bebés passavam muitas horas com os rabinhos molhados, quando as mães os iam lavar era só com um trapinho molhado, nada de sabonetes ou sabão um bocado de pó talco, porque o rabinho estava todo asado.

Os pais eram muito assim

Conta-se pelos dedos das mãos os pais que mudavam as fraldas aos filhos ou que davam de comer, ou os que se levantavam de noite para acudir ao filho por qualquer motivo, até para lhe dar a chucha o homem não queria ser incomodado, queria as vontades feitas, não podia ser contrariado, era ele e para ele.

Isto era a realidade de 80 por cento dos pais.

O luto

Quando morria uma pessoa o velório era feito em casa do próprio, era costume haver uma pessoa encarregue em mandar rezar um painosso de vez enquanto, oferecia-se aos presentes um calcinho de aguardente ou um copo de vinho, alguns até se embebedavam, e quando tinham adega por perto, iam para lá, então parecia uma festa. O funeral era feito a pé, o morto dentro do caixão e transportado numa "carreta", carreta coisa parecida com uma carroça, era puxada e empurrada pelas pessoas, cada terra tinha os seus costumes e faziam as suas paragens, onde se revezavam as pessoas da carreta e se rezava o pai-nosso, depois de alguns quilómetros, lá se chegava a S. João, tocava o sino e toda a gente ficava a saber que tinha chegado o morto, este era enterrado, depois iam para uma taberna ainda em S. João e comiam um quarto de pão e bebiam um copo de vinho a todos os acompanhantes, isto era pago pelos familiares do morto.

Os familiares vestiam-se de preto, se fosse os pais, os filhos andavam 1 ano de preto, muitos um mês sem desfazer a barba, se fosse marido ou mulher a falecer o outro andava o resto da vida de preto, no caso das viúvas quando iam à missa ficavam sempre da porta da travessa para trás, porta da travessa é a porta a meio da igreja na lateral, isto durante meses ou anos, e levavam um véu ou lenço na cabeça. Se fosse um avô os netos andavam uns meses com uma fita preta no braço, quando isto acontecia ninguém ia a festas ou a bailes durante 1 ano, muitas vezes não pelo sentimento mas pelo falatório do povo, por

vezes os rapazes novos iam às escondidas para bailes longe da terra.

Tradição da Igreja

Nesta época os Padres celebravam a missa toda em latim, e de costas viradas para o povo, este não via o que ele fazia, só na parte da homilia (sermão) é que ele se virava para o povo, durante a missa tocava-lhe três vezes a campainha, era a Santos ao erguer a hóstia e o cálice, como que a dizer que o momento é de respeito e silêncio. Tínhamos o Sacristão pessoa que ajudava o Padre, preparando as vestimentas antes da missa, e na missa era quem respondia tudo ao padre, dava-lhe as galhetas com água e vinho e uma travessa para lavar as mãos, um paninho no braço para o padre limpar as mãos, depois da missa voltava a arrumar as vestes do Padre.

Também nas igrejas havia uma lamparina que estava sempre acesa dia e noite, e tínhamos de lá ir repor o azeite e a flor, este serviço era feito por muita gente.

O sino das igrejas tocava 4 vezes antes da missa, a 1.ª era meia hora antes, a 2.ª era quando chegava o padre, a 3.ª quando o padre se estava a paramentar, 4.ª era dar sinal do começo da missa. Como é que o povo sabia a vez? Então era assim: o sino tocava um bocado, parava uns segundos e dava-se uma badalada, duas ou três, a quarta era a entrada, toque repenicado.

(Memórias de Um Povo, escritas pelo autor Armindo Silvestre Azenha (Continua em próxima edição))

Nota de leitura:

Confirma-se que estas Memórias de um Povo têm um inegável carácter de epopeia, ou seja, são o relato e a celebração de persistente e heroica luta contra uma não menos persistente adversidade de fundo.

Destaque-se a eficaz solidariedade para com as puérperas, supletiva e antecipativa da então quase inexistente segurança social, mas testa-se também em conta as elevadas morbilidade, letalidade e mortalidade infantis e maternas que, por contraste clamoroso com quase todos os países europeus, caracterizavam então a nosografia social portuguesa.

No luto, notemos a persistência residual do banquete fúnebre que é, no fundo e em concomitância, manifestação de apreço pelo morto e pelos sobreviventes. O luto no vestuário, com seus níveis de rigor e de calendário, era afirmação de uma alta coesão familiar projectada no social.

Quanto aos padres, é lembrado que sabiam latim, coisa que hoje nem todos os professores de português levemente sabem. É bom que as Sagradas Escrituras sejam em português corrente mas é mau que os "sapientes" tenham afastado dele o ensino ministrado ao povo.

Vitor Hugo Neto

O «Batalhão de Voluntários de Cintra»

F. Hermínio Santos

Após a implantação da República, em 5 de Outubro de 1910, foram criados em vários pontos do País batalhões de voluntários, que não eram mais que milícias armadas agregadas ao Partido Republicano. O contingente de homens que faziam parte dos batalhões não correspondia, em número, ao que é normalmente atribuído às unidades com idêntica designação nas Forças Armadas. Cada batalhão era constituído por algumas dezenas de homens, variando de batalhão para batalhão o seu número.

O batalhão de Cintra começou a ser organizado no dia 8 de Dezembro de 1910 na sequência de uma reunião realizada no «Centro Escolar Republicano de Cintra». Na noite daquele dia um grande número de sócios do Centro reuniu-se e decidiu, para que fosse uma realidade a existência «de um batalhão de voluntários do concelho de Cintra»⁽¹⁾; Eleger uma comissão organizadora, que foi composta por Carlos Duarte do Amaral, presidente, Carlos da Fonseca Santos, tesoureiro, e Armindo Mendes dos Santos, secretário; Estabelecer uma quota semanal, provisória, de 50 réis; e Dirigir convites às comissões paroquiais⁽²⁾ para promover a inscrição na sede do Centro do todos os sintrenses que quisessem alistar-se no batalhão.

Um sintrense, sob o pseudónimo Satyrico, publicou no semanário republicano O Concelho de Cintra, de 15 de Dezembro de 1910, uma sátira intitulada «Aos Voluntários do Batalhão de Cintra» em que descreveu o que tinha acontecido na reunião realizada no «Centro Escolar Republicano de Cintra» e perspectivava a missão do batalhão. Passado alguns dias, concretamente em 29 de Dezembro, o mesmo jornal publicou outra sátira, esta sob o pseudónimo Amiro intitulada «Aos Voluntários do Batalhão de Cintra».



1.ª sede do batalhão

(Continua em próxima edição)

Aos Voluntários do Batalhão de Cintra	Aos Voluntários do Batalhão de Cintra
Os Voluntários cá da terrinha Deram bonito reunião Convidaram os do Concelho. A filiar-se no Batalhão. Disseram ficar resolvido Com aquela boa gente Que o Santos é Tesoureiro O Carlos é Presidente Foi acertada medida Donde vive tal ideia, N'um Batalhão Voluntário, Secretário, Pharmacopéia. Em Janeiro se não chover Ficou tática concertada, N'um dos parques da Histórica É perdida Realza Já pra' armas temos homens, Já não temos que temer, Desta vez é que são elas, O Satyrico vai vencer. Também já me filiei No Batalhão a valer, Só o que peço é uma Meuser Pra' me poder defender. Cintra 1910 Satyrico	Homenagem Não sei quizes são nem conheço os homens do batalhão, presumo são portugueses e filhos d'esta nação. «Ela, avante portugueses» n'outro tempo se cantava, e ao som da marcha guerreira com valor se pelejava. E agora que o portuguez mostrou ter brio e bravura também mostrou descender d'essa gente brava e pura. A'vante, pois, Voluntários de Cintra n'um Batalhão, recordei feitos heroicos d'esta valente nação! Mostre garbo e valentia, arrojo, arte e destreza; na batalha que vaes dar no parque da Realza. E cantaré vossos feitos, entendo bem no lyrico, co'a lyra bem afinada qual o collega Satyrico. Lisboa Amiro

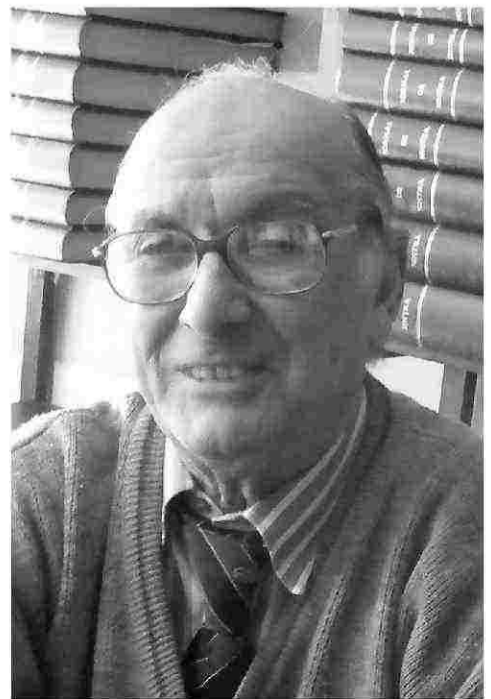
NOTAS AO TEXTO

1 - Transcrições de acordo com a ortografia da época;
2 - Corresponde, actualmente, às juntas de freguesia.

Medalha de Mérito
Municipal (Grau Ouro)
para António Faias

Em reunião de câmara do dia 21 foi deliberado por unanimidade atribuir ao nosso colega de redacção António Faias a Medalha de Ouro de Mérito Municipal, proposta subscrita pelo presidente da edilidade, Fernando Seara. Jornal de Sintra associa-se a esta justa deliberação.

António Faias trabalha neste semanário desde a década de 70, inicialmente como linotipista. Neste momento a sua participação na redacção é menor, devido a uma redução drástica das despesas, nesta fase difícil e de sobrevivência. Espera-se melhorias económica-financeiras para que a sua presença possa ser mais regular. A sua falta é notória.



Reforma Administrativa

Sintra rejeita proposta da Unidade Técnica e adia pronúncia sobre a agregação de freguesias

Luís Galvão

A Assembleia Municipal de Sintra foi unânime na rejeição dos dois projectos de agregação de freguesias propostos pela Unidade Técnica para a Reorganização Administrativa do Território (UTRAT), que apontavam para uma redução das actuais 20 para apenas 11 freguesias, mas rejeitou a proposta da oposição que defendia a manutenção de todas as freguesias do concelho.

António Rodrigues, líder da bancada da Coligação Mais Sintra (PSD/CDS-PP), surpreendeu já perto do final da sessão extraordinária realizada no dia 21, ao apresentar a proposta de improviso. “O que é relevante é que esta Assembleia se manifeste contra as duas propostas da Unidade Técnica, criando um problema junto da UTRAT, que não é um problema nosso, é da UTRAT”, justificou.

A sessão ficou ainda marcada pela declaração de Fernando Seara, que disse não irá emitir qualquer opinião enquanto não conhecer a deliberação sobre a intimação judicial que interpôs para que a UTRAT prestasse esclarecimentos sobre a lei. “A Câmara não se irá pronunciar sobre nenhuma matéria enquanto o Supremo Tribunal Administrativo não o fizer, e estou convicto e certo que o vai fazer nos

próximos dias”, avançou. O presidente da câmara abandonou os trabalhos depois deste anúncio, facto que foi criticado pela bancada do PS e por parte do público presente no Centro Cultural Olga Cadaval, que compareceu em menor número do que na sessão anterior realizada no mesmo espaço.

Oposição crítica UTRAT e atitude “passiva” da Câmara

Do lado da oposição (PS, CDU e BE), pretendia-se a aprovação de uma proposta comum que defendia a manutenção das 20 freguesias e a revogação da lei da reforma administrativa. “O PS não aceita a extinção a régua e esquadro. Esta é uma lei errada com critérios iguais para realidades económicas, sociais e culturais muito diferentes”, apontou Piedade Mendes,

líder da bancada socialista. O PS acusa a Coligação Mais Sintra de “brincar com a população e colocar em risco todas as freguesias do concelho”, ao assumir uma atitude passiva. “A Câmara fugiu à sua obrigação, nunca reuniu com as populações e com os autarcas, nunca se pronunciou sobre a extinção ou não de freguesias e disfarçou a sua posição pedindo pareceres que sabia que eram inúteis, uma incompetência patente na resposta da UTRAT”, afirmou a socialista. Na bancada da CDU, o deputado municipal Lino Paulo defendeu que a lei “é claramente impossível de aplicar a Sintra, o segundo concelho mais populoso do país e o maior em área da Grande Lisboa”. Para o autarca, “o que a comissão técnica fez foi pegar nas freguesias e depois jogar como se fosse um puzzle, o que não tem nada de científico e com validade

PS desafia maioria a defender freguesias no Parlamento

O BE também criticou a lei e a actuação da Câmara, mas distribuiu igualmente críticas à “irredutibilidade defensiva” das outras forças. “Os deputados municipais poderiam e tinham a responsabilidade política de ter trabalhado uma proposta alternativa que considerasse os interesses da população e não terem ficado entrincheirados no que já existe”, afirmou Helena Carmo.

As críticas foram devolvidas por António Rodrigues, que acusa a oposição de apenas “fazer contraposição”. “Isto deixou de ser sobre a vontade de reorganização administrativa, para passar a ser o combate político e partidário. Isto não é sobre o que é melhor

para as populações, mas porque somos da oposição e estamos contra o Governo. Isto não é discutir seriamente aquilo que se quer para o concelho.”

Em resposta, o deputado socialista Bruno Parreira desafiou o autarca, que também é vice-presidente da bancada do PSD na Assembleia da República, a defender as actuais freguesias. “O senhor deputado tem o poder de apresentar uma proposta de lei que mantenha as 20 freguesias do concelho, esperemos que o faça na Assembleia da República.”

Do lado das juntas de freguesia, vários presidentes socialistas reiteraram a recusa de “ser coveiros das freguesias”, enquanto alguns presidentes sociais-democratas deixaram críticas às propostas da UTRAT, mas manifestaram apoio e esperança na estratégia jurídico-administrativa adoptada pelo executivo camarário.

Plataforma Freguesias SIMtra exige revogação da lei da reforma administrativa

Cerca de 50 pessoas manifestaram-se no sábado frente aos Paços do Concelho para dizer não à extinção de freguesias. Apesar da chuva, ouviram-se algumas palavras de ordem e foram exibidos vários cartazes em defesa da freguesia de Montelavar, a maior delegação presente. A concentração da Plataforma Freguesias serviu também para aprovar uma moção que exige a revogação da lei 22/2012 e que “os deputados municipais e os deputados sintrenses com assento na Assembleia da República defendam as freguesias do concelho e não os seus interesses partidários”. A Plataforma mostra-se satisfeita com a rejeição pela Assembleia Municipal



das soluções propostas pela Unidade Técnica para a Reorganização Administrativa do Território (UTRAT), mas lamenta não ter sido possível ir mais longe. “É preciso rejeitar a lei e a extinção de qualquer freguesia, mas infelizmente não foi possível porque houve interesses partidários que se sobrepuseram aos interesses do concelho”, lamentou Rui Monteiro, membro da concelhia da CDU. O movimento que engloba sobretudo municípios e autarcas do PS, CDU e BE, informou ainda que a petição recolhida em Sintra contra a extinção de freguesias será discutida dia 14 no plenário da Assembleia da República.

Luís Galvão

Eleições autárquicas 2013

Marco Almeida apresenta candidatura

Marco Almeida vai apresentar no próximo sábado, dia 1 de Dezembro pelas 16 e 30h a sua candidatura pública à presidência da Câmara

Municipal de Sintra, na Escola Secundária Gamas Barros (próxima da IC19 – Intemaché), embora até à data não tenha recebido a adesão da

estrutura nacional do PSD. Por sua vez Basílio Horta vai ser o candidato do Partido Socialista a Sintra tendo já recebido o apoio das

estruturas concelhia e nacional desta força política. Não há notícias quanto à CDU e ao Bloco de Esquerda.

JORNAL DE SINTRA

DIRECTORA
Idalina Grácio de Andrade (TE-712)
jornalsintra.direc@mail.telepac.pt

EDITOR REDATORIAL
António Faiais (CPJ n.º 6119)

REDACÇÃO
Paulo Aído (CPJ n.º 2455)
Bernardo de Brito e Cunha (CPJ n.º 2211)
Cultura
Filomena Oliveira, João Cachado, Luís Martins,
Sérgio Luís de Carvalho
Opinião
José Jorge Letria
Poder Local / Reforma Administrativa
Luís Galvão
Desporto
António José, Ventura Saraiva
jsintra.desporto@mail.telepac.pt

Telef. 21 910 68 31 / 30
Telef. 21 924 62 00 (alternativo)
Telem. 96 243 14 18
Telefax: 21 910 68 38
jornalsintra.redac@mail.telepac.pt

COLABORADORES / BODAS DE DIAMANTE

Adriana Jones, Ana Almeida e Silva, Céu Ribeiro, D. Duarte de Bragança, Edite Estrela, Eugénio Montoito, Fernando Faria, Fernando Morais Gomes, Fernando Roboredo Seara, Idalina Grácio, Isabel Cordeiro, João Cachado, João de Mello Alvim, João Rodil, Jorge Telles de Menezes, Jorge Trigo, José Cardim Ribeiro, José Saraiva, José Serra, José Smith Vargas, Luís Miguel Baptista, Madalena Miguel, Manuel Carioca, Miguel Ricardo, Nelson Oliveira, Paulo Escoto; Pedro Paulo, Pinharanda Gomes, Ricardo Ventura, Rogério Carapinha, Rui Lopo, Sérgio Luís de Carvalho, Teresa Faria, Vanessa Silvestre

GRAFISMO
José Manuel Figueiredo

PAGINAÇÃO
Paula Silva
jornalsintra@mail.telepac.pt

LOJA / COMERCIAL / PUBLICIDADE
jornalsintra.loja@mail.telepac.pt
Telef. 21 924 62 00
Telefax: 21 910 68 38

JORNAL DE SINTRA
TIPOGRAFIA MEDINA SA
Av. Heliodoro Salgado, n.º 6, 2710-572 SINTRA
www.jornaldesintra.com

Impressão na Empresa Gráfica Funchalense, SA
Morelena - Pero Pinheiro

Assinaturas
Série de 25 números (7,55 euros)
Série de 50 números (15,10 euros)
Série de 50 números - Estrangeiro (20,00 euros)
Preço avulso (0,60 euros)

PROPRIETÁRIO E EDITOR
TIPOGRAFIA MEDINA, S.A.
COM O CAPITAL SOCIAL DE 50.000,35 Euros
NIPC - 501087036 - Conselho de Administração:
Idalina Grácio de Andrade, Maria Madalena Alegre Miguel.
Mesa da Assembleia Geral - Francisco Hermínio Pires dos Santos, Vanessa Alexandra Lopes Silvestre e José Manuel Martins Loureiro.
Detentores de mais de 10% do capital da empresa - Idalina Grácio de Andrade e Veredas - Cooperativa Cultural de Sintra CRL.

REGISTO N.º 100128
Tiragem média: 12.000 exemplares
Os artigos assinados são da responsabilidade dos seus autores. As opiniões expressas nos mesmos não são, necessariamente, a opinião da direcção e da redacção.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA IMPRENSA REGIONAL



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DA IMPRENSA REGIONAL

NUCASE/EMPRESA



Novas obrigações para 2013

Em Portugal, e de acordo com o relatório do Banco Mundial, o tempo necessário para cumprir a generalidade das obrigações fiscais é de 275 horas por ano o que nos coloca em 121.º lugar a nível mundial.

No entanto as novas obrigações para o ano de 2013, não vão certamente contribuir para nos posicionar num lugar mais baixo naquele "ranking".

Analisemos algumas das alterações ou novas comunicações.

FACTURAS

Obrigatoriedade de emissão de factura

A partir do próximo dia 1 de Janeiro, todos os contribuintes sujeitos passivos de IVA são obrigados a emitir uma factura para todas as transmissões de bens ou prestação de serviços, independentemente da qualidade do adquirente e ainda que estes não a solicitem.

Passa a ser absolutamente interdita a utilização dos documentos: venda a dinheiro, talão de venda, consulta de mesa entre outros.

Em substituição destes documentos é criada a **factura simplificada** para as transmissões de bens efectuadas por retalhistas, a adquirentes não sujeitos passivos, quando o valor da fa-

ctura não seja superior a 1 000€ ou outras transmissões de bens ou prestações de serviços, independentemente do adquirente ou destinatário, quando o valor da factura não seja superior a 100 €.

Esta factura que deverá ser identificada como **factura simplificada**, terá de conter o nome ou denominação social e número de identificação fiscal do fornecedor, a quantidade e denominação dos bens transmitidos ou dos serviços prestados; o preço e taxa do IVA aplicável; e número de identificação fiscal do adquirente sempre que este o solicite.

Para além do processamento normal por sistemas informáticos

ou pré-impresas em tipografias autorizadas, as facturas simplificadas poderão ser emitidas por outros meios electrónicos, tais como máquinas registadoras, terminais electrónicos ou balanças electrónicas, com registo obrigatório, de cada operação, no rolo interno da fita de máquina ou outro.

Comunicação da emissão de factura – Obrigação declarativa

A partir do próximo dia 1 de Janeiro todas os contribuintes, sujeitos passivos de IVA, terão de comunicar à Autoridade Tributária todas as facturas emitidas, por transmissão electrónica de dados, utilizando um dos tipos de comunicação definidos pela Autoridade Tributária.

Prazo de comunicação

Até ao dia 8 do mês seguinte à emissão das facturas.

Documentos de transporte

As pessoas singulares ou colectivas, cujo volume de negócio seja superior a € 100 000, que sejam sujeitos passivos de IVA e emitam documentos de transporte de mercadorias (facturas, guias de remessa ou de transporte) a partir do dia 1 de Maio de 2013, terão de comunicar à Autoridade Tributária os elementos desses documentos, antes do início do transporte.

Comunicações ao Banco de Portugal

A partir do próximo mês de Janeiro e de acordo com a Instrução do Banco de Portugal n.º 27/2012, as pessoas singulares ou colectivas residentes em Portugal que realizem operações com o exterior terão de comunicar todas as operações económicas e financeiras, ou seja todos os pagamentos e recebimentos de fornecedores e clientes efectuadas durante o mês e os saldos das contas correntes no final do mês com aquelas entidades não residentes.

O reporte será enviado até ao 15.º dia útil do mês seguinte, sendo que o primeiro reporte será efectuado até 20 de Janeiro de 2013 com os valores referentes a Dezembro de 2012.

A comunicação será efectuada no sítio do Banco de Portugal, na Área Empresa utilizando uma aplicação específica disponibilizada pelo banco ou por transmissão de ficheiro electrónico.

Esta comunicação deverá ser precedida dum registo prévio a ser efectuado até ao próximo dia 30 de Novembro.

Maria Mestra
Economista

NUCASE – Assessoria Técnica
Carcavelos, 27 de Novembro de 2012



ORGANIZAÇÃO E GESTÃO EMPRESARIAL
OUTSOURCING FINANCEIRO
ASSESSORIA FISCAL
INÍCIO DE ACTIVIDADE
GESTÃO ADMINISTRATIVA
DE RECURSOS HUMANOS
SISTEMAS DE INFORMAÇÃO

Somos o seu
porto seguro

Sede: CARCAVELOS

Av.º General Eduardo Galhardo nº115 Edifício NUCASE
2775-564 Carcavelos tel:21 458 5700 fax:21 458 5799

Filiais: PAREDE•ESTORIL•CASCAIS•SINTRA•
•LISBOA•LUANDA ANGOLA

www.nucase.pt



ORGANIZAMOS NÚMEROS DESDE 1978

CALENDÁRIO FISCAL

DEZEMBRO

DATA LIMITE	OBRIGAÇÃO FISCAL
Até dia 10	IVA – Envio da declaração periódica modelo A, relativa ao mês de Outubro de 2012. Se houver imposto a pagar, o mesmo poderá ser efectuado nas tesourarias de finanças com sistema local de cobrança, nas caixas Multibanco, nos CTT ou através do «Home Banking» dos bancos aderentes.
Até dia 15	SISTEMA INTRASTAT – Envio ao Instituto Nacional de Estatística dos Formulários de Chegada e/ou Expedição, contendo a informação estatística sobre as transacções de mercadorias efectuadas com outros Estados-membros da União Europeia referente ao mês de Novembro, ou da respectiva declaração de ausência.
Até dia 17	IRC PAGAMENTO POR CONTA – Entrega do terceiro pagamento por conta relativo ao exercício de 2012. PAGAMENTO ADICIONAL POR CONTA – Entrega do terceiro pagamento adicional por conta referente a Derrama Estadual, relativo ao exercício de 2012.
Até dia 20	SEGURANÇA SOCIAL – Pagamento das contribuições para a segurança social relativas aos vencimentos do mês de Novembro. IVA – Envio da Declaração Recapitulativa – Transmissões Intracomunitárias e Operações Assimiladas + Prestações de Serviços (artigo 6.º do CIVA), referente ao mês de Novembro de 2012, pelos sujeitos passivos enquadrados: 1. com periodicidade mensal; 2. com periodicidade trimestral quando as transmissões intracomunitárias de bens tenha, excedido o montante de € 50,000; 3. Isentos ao abrigo do art.º 53.º, que tenham efectuado prestações de serviços noutros Estados Membros quando tais operações sejam aí localizadas nos termos do art.º 6.º do CIVA. IRS – Entrega das quantias retidas no mês de Novembro, por entidades que disponham ou devam dispor de contabilidade organizada, referentes a rendimentos de propriedade intelectual ou industrial e prestações de serviços (Categoria B), rendimentos de capitais e prediais. IRS – PAGAMENTO POR CONTA – Entrega do terceiro pagamento por conta relativo ao exercício de 2012, por parte dos sujeitos passivos que auferiram rendimentos da categoria B. IRC – Entrega das importâncias retidas no mês de Novembro sobre os rendimentos sujeitos a IRC. IMPOSTO DO SELO – Entrega do imposto cobrado no mês de Novembro.
Até dia 31	IUC – Decorre até final do mês o prazo de liquidação, por transmissão electrónica de dados, e pagamento do Imposto Único de Circulação (IUC), relativo aos veículos cujo aniversário da matrícula ocorra no presente mês. As pessoas singulares poderão solicitar a liquidação deste imposto em qualquer Serviço de Finanças. IVA – Entrega por transmissão electrónica de dados, do pedido de restituição IVA pelos sujeitos passivos cujo imposto suportado, no próprio ano, noutro Estado Membro ou país terceiro (neste caso em suporte de papel), quando o montante a reembolsar for superior a € 400 e respeitante a um período de três meses consecutivos, tal como se refere o DL 186/2009 de 12 de Agosto. Modelo 30 – Entrega da declaração destinada a comunicar o pagamento ou a colocação à disposição, de entidades não residentes de rendimentos que nos termos legais se considerem obtidos em território nacional durante o mês de Outubro.

Mira Sintra

Casa Seis recebe visita apostólica

No prosseguimento da visita pastoral a Sintra, no dia 22 de novembro o Bispo Auxiliar de Lisboa, D. Nuno Brás visitou demoradamente a Casa Seis, localizada em Mira Sintra. Com ele padre Ângelo Almeida, diácono António Carvalho, Orlando Azevedo e José Rito, da paróquia e Rui Pinto, presidente da Junta de Freguesia. Foram recebidos pela direcção da Casa Seis (Conceição Barbosa, presidente e Idalina Grácio) e pela coordenadora técnica, Solange Aquino).



Conceição Barbosa, outrora uma menina da Casa Seis, hoje sua presidente

A Casa Seis, é uma IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social criada em 2001 por um grupo de activistas da Civitas de Sintra depois de ter realizado um projecto de apoio à legalização dos imigrantes no bairro da Azinhaga da Abelheira, em Aigualva/Cacém, e um projecto de luta contra a pobreza e apoio ao

reajuntamento realizado entre 1995 e 2000. Várias respostas foram criadas com a participação da população para resolver as questões colectivas da água. Electricidade, banheiros e lavandaria comunitárias, além de ter criado um jardim de infância e desenvolvido diversas actividades culturais e formativas. No final do projecto este grupo foi desafiado pelos parceiros (Câmara Municipal de Sintra e a Delegação da Segurança Social de Sintra) para acompanhar esta população no seu bairro de reajuntamento em Mira Sintra, mesmo ao lado deste bairro. Em 2000 foi criada a CASA SEIS - Associação para o Desenvolvimento Comunitário, e em 2001 foi reconhecida como IPSS e assinado um Acordo com o Instituto de Segurança Social para a Valência de Família e Comunidade – Centro Comunitário. A sua Sede situa-se no Bairro



Rui Pinto, D. Nuno Brás, Idalina Grácio, Conceição Barbosa, Pe. Ângelo Almeida, Solange Aquino, Diácono António Carvalho, Orlando Azevedo

Fundação D.Pedro IV onde vivem populações oriundas do Bairro Azinhaga da Abelheira mas também de diversos pontos do Concelho de Sintra. São, na sua maioria, imigrantes, sobre tudo de Cabo Verde, mas também de Guiné Bissau e Angola, sendo o resto da população composta por portugueses, dos quais mais de uma dezena de famílias de ciganos. As respostas foram sempre

adaptadas ao nível da educação para crianças, jovens e adultas, ocupação de tempos livres, apoio escolar, apoio dos pais e encarregados de educação, e apoio social integrado para as famílias que serve também populações de outras freguesias. Por fim, importa dizer que para dar uma resposta adequada aos problemas encontrado, a Casa Seis sempre apostou nas parcerias e é, por exemplo,

gestora de um projecto do Programa Escolhas, tendo como parceiros a CM de Sintra, a Junta de Freguesia de Mira Sintra, o Agrupamento Escolar Domingos Jarda e o CECD de Mira Sintra e, por outro lado, colabora muito com as outras associações locais bem como a UNICEF e a Comissão de Protecção de Crianças e Menores.



As crianças animam diariamente a Casa Seis

“Livros à Solta em Sintra”

6000 alunos – 56 sessões – 36 livros – 9 autores – 5 dias

A Câmara Municipal de Sintra e a Gailivro são parceiras na iniciativa “Livros à Solta em Sintra”, uma verdadeira maratona de uma semana em que nove autores da Gailivro têm encontros marcados com mais de 6000 alunos de escolas do concelho de Sintra.

Durante este período, os jovens leitores encherão as plateias de nove auditórios das localidades de Sintra, Massamá, Mira-Sintra, Odrinhas, Tapada das Mercês, Casal de Cambra, Aigualva/Cacém e Pero Pinheiro, para ver e ouvir António Mota, José Fanha, Mariana Magalhães e Cristina Quental, Margarida Fonseca Santos, Pedro Leitão, Rosário Alçada Araújo, José Saraiva e Ana Nobre de Gusmão.

Ao todo serão 56 sessões, entre 3 e 7 de dezembro, nas quais serão apresentados e debatidos perto de 36 livros destes autores, publicados pela Gailivro.



Ribeira de Rio de Cães

Inauguração de Centro de Convívio

Foi criada nesta pitoresca aldeia o Centro de Convívio da Associação dos Amigos da Ribeira de Rio de Cães, cuja inauguração se irá realizar no dia 8 de Dezembro pelas 15 horas.

PUB.

JARDIM ZOOLOGICO
Festivo

No ATL de Natal do Jardim Zoológico, os miúdos aprendem, a brincar!
De 17 a 31 de Dezembro, veja o seu filho tornar-se num explorador da natureza.

INScrições: Tel: 21209204 | Fax: 212092961 | Email: s@jardimzoo.pt
O Jardim Zoológico de Sintra é uma instituição sem fins lucrativos que tem como objectivo principal a educação para a conservação da natureza e a promoção do bem-estar animal. 1995-2008

WWW.ZOO.PT

OPINIÃO

O eléctrico de Sintra

Fui ao Jornal de Sintra. Conversava à porta com Idalina Grácio quando uma senhora se abeirou de nós perguntando: Onde se apanha o Eléctrico? Vinha acompanhada por outros adultos e crianças. Infelizmente não há ali no Largo Afonso Albuquerque e na Av. Heliodoro Salgado



qualquer sinalização indicando esse local. Depois que dali saí e andando por ali, veio à memória muitas recordações de infância que não posso deixar de partilhar.

O Sintrense era a nossa escola, ali na Estefânia, da classe infantil até à 4.ª classe. Quando saíamos por aquele portão alto e azul à hora do almoço e à tarde, quando regressávamos a casa, havia muitas recomendações da Sr.ª Contínua: cuidado meninos, com os carros, as camionetas, e o eléctrico. Passavam todos eles ali mesmo junto ao portão. Mas o Eléctrico era singular, distinguia-se de todos os transportes. Lá vinham ou iam; Tlim, Tlim, Tlim... doce recordação da infância, minha e de tantos outros que ainda hoje recordam certamente esse tempo alegre e despreocupado.

Havia muita vida naquela avenida: havia muito comércio com de tantas lojas de produtos tão diversos, um “centro comercial” no seu tempo: Do início do Largo Afonso de Albuquerque, uma sapataria, o barbeiro (onde estava sempre o Zé Larguezas), a loja do de tecidos Silvestre, uma oficina de motos, o alfaiate Narciso, a farmácia Marrazes, a entrada da pensão Nova Sintra (hoje Hotel Nova Sintra), o António Pombal das bicicletas, a loja do Sr. Santana (modas).

Depois, onde hoje é o edifício da Caixa Geral de Depósitos, antes do café restaurante Tirol, uma garagem “Sintra Estefânia”, oficina de camiões, depois o consultório do Doutor Desidério Cambournac: seguia – se o lugar de legumes e frutas do Sr. João da Olívia, o armazém de materiais da drogaria do A. Cunha, o portão da escola do Sintrense, a loja de modas do Capote, a papelaria do casal Hermenegildo (recentemente do Sr. Parracho), o talho do Sr. Hermenegildo, o fotógrafo “O Granja”, os armazéns do Baeta, a Estação dos Correios: do outro lado, da rua, a pastelaria Monserrate, O Jornal de Sintra, a Singer (máquinas de costura), uma mercearia, o cabeleireiro, o talho do Sr. Francisco Nascimento, um carvoeiro, a relojoaria, a farmácia Simões, uma pensão....

Era uma artéria muito animada, movimentada, cheia de vida, convívio, trocas comerciais durante todo o dia...

Recordo os tempos da infância vividos naquele espaço. Mesmo ainda quando jovem. Aquela Avenida Heliodoro Salgado era atravessada por um trânsito sem fim. Por ali passava todo o género de trânsito, carros, autocarros e camiões, motociclos, provenientes de ou para as direcções da Praia Grande, Ericeira, Mafra: e também o eléctrico, (a carruagem motora e o atrelado) fechados ou abertos para gozo dos passageiros. Partia da estação da CP de Sintra, atravessava o Largo Afonso de Albuquerque e seguia pela Av. Heliodoro Salgado, passava em frente ao antigo casino e entrava no seu percurso ali no Nunes de Carvalho. Tlim Tlim....

Bem, porquê esta descrição. Porque hoje aquela artéria está sem “sangue”, quase morta, triste como o cinzento do chão que a caracteriza hoje... qual inverno contínuo.

Ao olhar e ler sobre a história da implantação do eléctrico em Sintra no livro, “Eléctricos de Sintra” de Paulo Caldeira Martins,

não pode deixar de pensar como seria interessante se o mesmo fosse trazido apenas até ao largo Afonso de Albuquerque e ali pudesse ser criado o ponto de partida e chegada para o passeio que já é de si tão empolgante. Sugeriria ainda, neste lugar uma agulhagem para que se pudesse obter a inversão da carruagem motora.

Outros melhoramentos poderiam ser levados a efeito tais como a regularização das esplanadas dos cafés com bases de madeira horizontais, criado caminho para o trânsito indispensável (ambulância, carros de bombeiros), corrigida a aplicação dos candeeiros de iluminação pública (que prejudicam a paisagem arquitectural do local) e com boa vontade dos proprietários, aberto o parque de estacionamento, antiga Sintra Garagem, hoje com as paredes exteriores recuperadas. Sugeriria ainda a construção de uma árvore artificial em madeira, com vários troncos ao longo da avenida, pintada de tons verdes, que cobrisse todo aquele espaço trazendo a sombra acolhedora ao local... Sendo Sintra classificada como Património Mundial pela UNESCO, tratar-se ia de um contributo valioso de homenagem a quem lutou para proporcionar este ex-libris (o Eléctrico de Sintra), bem ainda como mais um elemento a juntar a outros que já contribuem para que Sintra possa vir a ser capital de cultura e do respeito pelo Ambiente.

Transformar este cinzento sem vida, numa paleta de cores, como nas aquarelas de Raul Bordalo (Livro R. Bordalo pinta Sintra). Ele pinta o eléctrico de Sintra em vários locais de Sintra, mas não em andamento ou estacionado, com passageiros entrando no veículo, ou baixando as persianas de pano as riscas coloridas nos assentos dos eléctricos abertos estacionados Largo Afonso de Albuquerque, entre o colorido de toldos e chapéus-de-sol das esplanadas dos cafés e restaurantes onde se juntam gente conversando, lendo jornais ou tomando café; grandes vasos com plantas verdes poderão fazer parte de uma nova aquarela, o chão em calçada portuguesa polida, destacando-se o trilho do eléctrico envolvido em calçada de paralelepípedos de granito: esta aquarela agora pintada em pleno século XXI, pelo engenho, gosto e arte da entidade Sintrense... e ao entardecer as esplanadas estão cheias para ver o eléctrico que chega com os veraneantes naquele corropio que se deslocam para a gare do comboio ou para apanhar a uma ligação para a estação do caminho-de-ferro. Muitos ficam para uma refeição, para mais uma imperial com a família e os amigos, numa das esplanadas para gozar o romantismo da atmosfera criada por tocadores mostrando o talento e com música ao vivo cujo som vem do interior... outros certamente viriam com telas para o fazer.

Sonhar é bom... dá saúde, anima a esperança...

Carlos Manuel Lacerda / Sintra

DIGA DE SUA JUSTIÇA

Ainda a rua pedonal
Heliodoro Salgado

Sintra, 26 de Novembro de 2012

Exma. Senhora Directora do Jornal de Sintra,

Leitor e assinante do Jornal de Sintra, tenho acompanhado os artigos de OPINIÃO subscritos pelo meu prezado amigo João Cachado (mais à frente JC), quanto a mim com inequívocos intuitos contra a pedonal da Heliodoro Salgado. Destaca-se a sentida *bondade* com que JC, quase no princípio do primeiro dos artigos, nos diz que “a transformação em espaço pedonal não está em causa”. Fica o registo.

Da atenta leitura dos artigos “Tolerância Zero” (adiante TZ) e “Heliodoro Salgado, ainda por resolver” (Partes I e II), o que subjaz é oponível à existência da pedonal, pelas dificuldades que, segundo ele, surgiram à “sanguínea” circulação automóvel.

Um “espaço pedonal que não está em causa”, como escreve JC, como é apoiado quando diz que a “articulação” (automóvel) foi “fatidicamente prejudicada” pelo encerramento da Heliodoro Salgado?

João Cachado, que lembra amiúde a sua qualidade de filólogo, não tem papas na língua: “Foi prejuízo total...”, “Comprometida a qualidade de circulação das viaturas”. “Ao fechar a via, avançou-se para um labirinto de irracionalidades (...)”. “Julgo que, com alguma precipitação, se fechou a Heliodoro Salgado”.

Usando o subtítulo “Pedonal mas sem peões...” fica-se a imaginá-lo na contagem de pessoas que não param. Chega às 11 e não se inclui, seriam 12. Como seria o mesmo número em carros? Quantas pessoas nas esplanadas a *desfrutarem* dos escapes?

Que melhores provas de amor *pedonal* e pelos peões que nela passam?

Independentemente dos defeitos do piso (na Vila também há quedas), é dos peões

e não dos carros, pormenor demasiado importante e valorizável.

Permitir-me-ia opinar que a zona pedonal da Heliodoro Salgado, por estar fora do sentido do tráfego que se destina ao Centro Histórico, não tem a relevância que João Cachado pretende atribuir-lhe no trânsito para a Vila.

A questão – que anda a ser omitida – prende-se mais com incómodos residenciais, de que os acessos seriam mais *nobres* se feitos pela Heliodoro Salgado.

Não vale a pena andar-se mais à volta com a rosca, que vai ficando moída.

Breve nota: Na edição de 16 de Novembro, JC a propósito da Getreidegasse de Salzburg, escreveu que “é uma simples rua, com passeios laterais e tudo, como qualquer outra, onde automóveis e camiões podem aceder e circular nas horas autorizadas para cargas e descargas (...)”. É isso exactamente a pedonal da Heliodoro Salgado, que – justificando o uso por peões – nem de passeios laterais precisa...

Sem outro assunto, envio os meus cumprimentos,

Fernando Castelo

NR: Foi dado conhecimento deste texto a João Cachado com autorização do subscritor.

Resposta de João Cachado:

Apenas a sublinhar que os meus textos obedeceram a uma análise integrada da matéria em apreço. Foi de acordo com essa metodologia que aponte, quer a montante quer a jusante da Heliodoro Salgado, algumas situações que, num quadro alargado de perspectiva sistémica, explícita e implicitamente, se relacionam com o seu encerramento ao trânsito. Transformada numa via descaracterizada e desinteressante, esta artéria é, isso sim, sintoma de uma síndrome que urge atacar com o maior envolvimento possível dos cidadãos. Em relação à Getreidegasse de Salzburg, vd. pag. 7.

JC

Parabéns António Faias

Exma. Senhora,

Acabei de ter conhecimento que – por unanimidade – a Câmara Municipal de Sintra atribuiu ao jornalista António Faias a Medalha de Mérito Municipal – Grau Ouro.

Permita que, em primeiro lugar, lhe solicite a gentileza de transmitir ao António Faias a minha mais singela homenagem e o meu

abraço pela sua posição vertical. Com votos de uma longa vida.

Ao Jornal de Sintra, felicitar por poder contar com o António Faias como colaborador.

É de Homens destes que Sintra precisa.

Os meus melhores cumprimentos,

Fernando Castelo

O Jornal de Sintra reserva-se o direito de editar, resumir, cortar e só publicar mensagens, cartas e e-mails de leitores devidamente identificados.



Salzburg, Getreidegasse*, a incomparável

João Cachado

Na verdade, só muito dificilmente, o assunto não deixaria de surgir à *boleia* da matéria que vos tenho trazido à consideração nas últimas edições do *JS*, até porque o seu exemplo foi mesmo suscitado a propósito da Heliodoro Salgado. No entanto, uma advertência inicial se me impõe ao trazer a estas páginas algumas sumárias notas sobre uma das mais conhecidas e movimentadas ruas pedonais de todo o mundo.

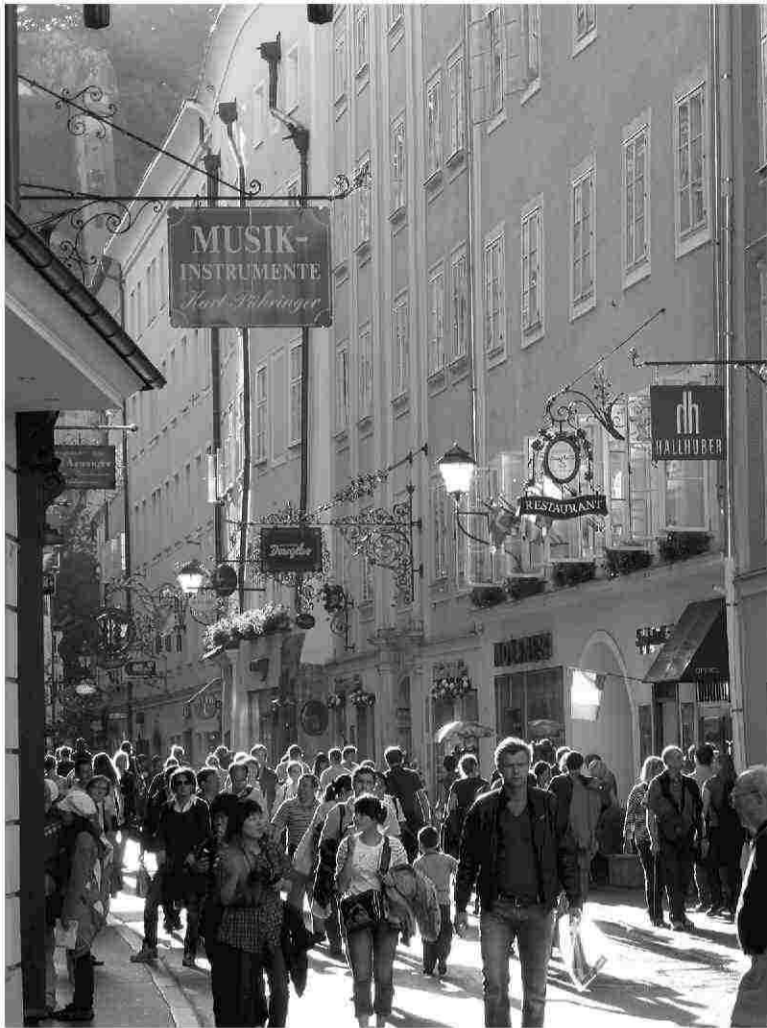
Pois bem, tal aviso prende-se com o facto de, pura, simples e infelizmente, não haver a mais remota possibilidade de comparação entre as pedonais de Salzburg e de Sintra. Aliás, é tão escandalosa a diferença que, acreditem, me custa imenso fazer este exercício, que poderia designar, enfim, como *de aproximação*, se quiserem, entre duas situações cujo semelhança é tão antitética como o ovo e o espeto... Portanto, por favor, não queiram – até porque não podem – a partir destas brevíssimas impressões, encontrar quaisquer elementos afins de hipotética analogia.

Primeiramente, é preciso ter em consideração estar a referir uma rua que faz parte de uma zona imensa, totalmente pedonal, com salvaguarda para viaturas de residentes e prioritárias. Depois de atravessar o rio Salzach, através das Makartsteg, Stadtbrücke ou Mozartweg, as mais movimentadas pontes da cidade, forçoso é atravessar a Getreidegasse para aceder à Altstadt e a todas as mais famosas jóias da cidade baixa e alta, património da humanidade.

Significa isto que os seis milhões de visitantes anuais de Salzburg passam todos pela Getreidegasse e são obrigados a fazê-lo várias vezes por dia... Em qualquer altura do ano esta rua tem um movimento de peões perfeitamente inusitado. Compram, observam as montras, entram e saem de todo o género de lojas, passeiam, escapam-se à direita e à esquerda, pelos mais curiosos acessos, em direcção às ruas paralelas, através de túneis, cheios de lojas, também parte integrante de uma vasta área comercial, altamente requintada que, na maior das informalidades, convive com todo o género de animação urbana.

Vamos lá ver se consigo transmitir-vos uma ideia aproximada do que ali acontece diariamente. Têm presente os nomes das boutiques mais caras e sofisticadas? Em Salzburg não falta nenhuma e, na Getreidegasse, está instalada a maioria. Roupas, perfumes, sapatos, malas, chapéus, peles, chocolates, bebidas, canetas, relógios, de todas as grandes marcas austríacas e internacionais, ali estão sediadas.

Além do comércio multifacetado, também é a rua onde fica a casa-museu onde Mozart nasceu – na Hagenauerhaus – e outros edifícios, carregados de centenas de anos de uma História milenar, que tanto podem ser a antiga Rathaus, uma farmácia estupenda, a casa onde nasceu ou viveu outro grande compositor, a quem a cidade também imenso deve, como Heinrich Ignaz Franz von Biber, ou ainda uma Loja Maçónica bem identificada nos símbolos em alto relevo sobre o portão. E, pasmem, continua a haver gente ali residente.



Getreidegasse a qualquer hora do dia

Tratando-se de uma via com tal cúmulo de características, não surpreende que seja apontada como um dos casos mais importantes, também a nível mundial, como inequívoca reserva de espaço urbano preocupadíssimo com a defesa do património e paradigma de boas práticas neste domínio. Por exemplo, sendo o ferro forjado uma das mais presentes vertentes das artes decorativas da cidade – em especial no cromatismo amplo de gamas de verde, vermelho, amarelo foncé, bordeaux, dourado e prateado – as tais grandes marcas foram obrigadas a adaptar os seus letreiros exteriores à morfologia tradicional, com o mais famoso de todos, o da cadeia MacDonalld's de restaurantes, a destacar-se mesmo ao nível de caso de estudo internacional.

Porém, como em tudo na vida, não há bela sem senão. No Verão, o movimento das pessoas é demais, é incómodo e chega a ser insuportável. Há muitos anos, considerado como um amigo da cidade onde ninguém me encara como turista, também eu aprendi com os meus amigos como evitar a travessia da Getreidegasse, sem perdas de tempo, com voltas escusadas. É paradoxal, mas acontece, haver truques, expedientes, para não sofrer a agressões. Agressões de quê? Pois, de tantos... peões!

Num dos meus anteriores artigos, é verdade, chamei o exemplo da Getreidegasse à colação. Fi-lo, de facto, apenas com a intenção de sublinhar que, há muitos anos, o seu encerramento ao trânsito foi a coisa mais natural, pacífica e barata, nada tendo custado aos cidadãos uma vez que não sofreu a mínima mudança. Repito que, de modo algum, era meu propósito propiciar, insinuar ou, muito menos, promover qualquer comparação. Será que, perante a evidência do meu testemunho, poderei rematar com o clássico QED? Oxalá!

* O topónimo remete para Getreidegasse igual a cereal e Grasse igual a travessa, viela.

[João Cachado escreve de acordo com a antiga ortografia]

VÃO-SE AS LAJES MAS FICAM OS DEDOS NUM MUNDO EM MUDANÇA ACELERADA

José Jorge Letria

Há algum tempo que o tema era ventilado, mas teve agora uma amarga confirmação. Os Estados Unidos, em fase de redução de milhares de milhões de dólares nas suas despesas militares, podem condenar ao desemprego cerca de 300 portugueses que trabalham na Base das Lajes, há décadas uma importante estrutura de apoio à Força Aérea Americana, cujas condições foram renegociadas em 1975, ainda com uma revolução em curso em Portugal e os olhos do mundo, pousados como nunca antes tinham estado na evolução política e militar do nosso país.

O ministro Portas já disse que o assunto vai ser analisado e negociado, mas sinceramente não creio que seja exequível levar os Estados Unidos a voltarem atrás numa decisão que já deve estar há algum tempo tomada. Aos pequenos êxitos da chamada “diplomacia económica” vem acrescentar-se agora este desaire para o líder do CDS, a quem a opção radical pela austeridade imposta pela dupla Passos Coelho/Garpar pouco deve agradar, até porque lhe estraga as contas políticas de um futuro acto eleitoral, que pode nem estar tão distante quanto isso.

A situação das Lajes não tem somente a ver com os cortes orçamentais decididos por Washington. Estará sobretudo relacionada com as mudanças operadas nas opções geo-estratégicas do executivo do reeleito Barack Obama que, embora apoiado e aplaudido pela maioria dos europeus, é dos presidentes norte-americanos com menos afinidades com a Europa. É bom não esquecer que cresceu na Indonésia e no Hawai. Conhecendo bem a evolução do mundo nas duas últimas décadas, Obama está muito mais virado para a Ásia que cerca a República Popular da China, para África e para a América Latina. Entretanto, a Europa envelheceu, perdeu importância militar, económica e política e deixou de ser uma peça fundamental para a mais poderosa potência mundial, que está ciente de que é noutro tabuleiro que as grandes mudanças se irão operar a partir de agora.

Depois da queda do Muro de Berlim, mesmo com a Rússia dos novos-ricos do capitalismo de fresca data a marcar pontos, não voltará a haver heróicos desembarques na Normandia, nem partes do continente para serem controladas com base em preferências ou maiorias ideológicas. Esse tempo passou de vez.

A Europa de hoje, mesmo com mais de 500 milhões de habitantes e com uma geração jovem tornada genuinamente europeia pelo programa Erasmo, é, cada vez, uma bela envelhecida e adormecida, que não soube, não quis transformar o gigante económico que já era num gigante político e militar que só o federalismo teria tornado possível. Com grandes bolsas de imigração islâmica, com enormes conflitos sociais e com uma taxa de natalidade confrangedoramente baixa, a Europa, a que me orgulho de pertencer, a Europa de Shakespeare, Camões, Cervantes, Strindberg, Mozart, Verdi, Nitetsche, Ibsen, Pisasso ou Turner, tende a ser cada vez mais um imenso e deslumbrante museu ainda vivo, enquanto a China do legado de Mao ameaça tornar-se a maior economia do mundo, com todos os perigos militares que daí poderão advir.

É com este mundo que já não depende do Mediterrâneo e do Atlântico que os Estados Unidos estão cada vez menos preocupados, por serem a retaguarda segura que não lhe rouba o sono. E é com esta desconsoladora realidade que teremos de viver e coabitar nas próximas décadas, enquanto deitamos contas à vida a ver se a Europa consegue ultrapassar, sem nenhuma grande tragédia, as tensões e conflitos que neste momento lhe fazem estremeecer os alicerces. Refiro-me a uma Europa com uma Comissão Europeia cada vez com menos poderes e com uma estrutura burocrática e administrativa insustentavelmente pesada e cara. Faló também uma Alemanha cada vez mais ciosa do poder que a sua supremacia económica lhe confere, apesar de ser um país muito menos autónomo do que se possa imaginar. E foi justamente essa falta de autonomia que a levou duas vezes, no século XX, a mergulhar o mundo numa imensa hecatombe, tendo a Base das Lajes, mesmo com Salazar, ter ficado do lado certo da História.

SOCIEDADE

Vereador Pedro Ventura, da CDU, ao Jornal de Sintra

“A Câmara deve ser motor do emprego no concelho”

Paulo Aido

O único vereador eleito pela CDU tutela a Divisão de Licenciamento das Actividades Económicas e Gestão de Mercados do município de Sintra. Afirma não ter problema em trabalhar lado-a-lado com os eleitos da maioria, do PSD e do CDS, e, nesta longa entrevista, diz ser possível e desejável captar investimento para o concelho e defender algumas indústrias locais, como a dos mármore. Para a CDU, as Actividades Económicas devem ser o grande pelouro para os próximos anos no concelho.

Desempoeirado, Pedro Ventura reconhece que não é ainda uma figura muito mediática, mas diz que as pessoas já o vão reconhecendo na rua. Sobre a possibilidade de vir a encabeçar a lista da CDU nas próximas eleições autárquicas, refugia-se no colectivo do Partido e diz que a decisão ainda não está tomada. Mas é quase gato escondido com rabo de fora...

Estamos a aproximar-nos das eleições autárquicas, que se realizam em outubro do próximo ano. Primeira questão: vai ser candidato da CDU à Câmara Municipal de Sintra? Essa é uma hipótese possível?

Os eleitores de Sintra podem contar que eu estarei na CDU nas próximas eleições a defender os interesses dos sintrenses. Nós, enquanto força política, iniciámos alguma discussão, que ainda não está fechada, sobre a escolha do cabeça de lista. A nossa primeira preocupação, ao contrário da forma de actuar dos outros, é a escolha da equipa e, dentro dessa equipa de eleitos é que sai o cabeça de lista. As outras forças políticas têm a tendência de primeiro escolherem o cabeça de lista e, só depois, há uma equipa que se adapta a ele. Como a nossa filosofia é diferente, o cabeça de lista ainda não está encontrado. Aquilo que podem contar é que eu estarei na luta pela defesa dos interesses dos sintrenses e da CDU, tal como outros antigos cabeças de lista ainda continuam a estar, como são os casos de Baptista Alves ou de Lino Paulo, que foram cabeças de lista pela CDU em Sintra e que continuam a estar aqui, no trabalho autárquico, e nós temos muito esta ideia de continuação sem, e, atenção que isto é importante, sem a vitória nas eleições na Câmara Municipal de Sintra.

Sim, sim. Já lá iremos a isso. Vamos primeiro recapitular a sua resposta. A CDU escolhe primeiro uma equipa que vai concorrer ao município e só depois escolhe o cabeça de lista. Muito bem. O Vereador Pedro Ventura assume que faz parte dessa equipa. Sendo o único elemento da CDU com pelouros atribuídos, conhecendo como ninguém os dossiers e o funcionamento da câmara, deduzo que é mais do que plausível considerá-lo como o mais forte candidato. Ou não?

(risos) Isso é um bocado colocar a questão numa perspectiva individualista e eu continuo a afirmar que se trata de uma decisão do partido, do colectivo.

Claro. Percebo isso. Mas o colectivo será inteligente, não? E deverá escolher a pessoa mais bem preparada para os cargos... Sim... e nós temos várias pessoas bem preparadas aqui em Sintra para ocupar cargos. Aliás, nós temos, ao nível dos SMAS, ao nível das empresas municipais, trabalho realizado, e, para além disso, temos outras pessoas, que não são do PCP nem dos Verdes, que são independentes, como é o caso do candidato anterior, Baptista Alves, que não estava ligado a nenhuma estrutura partidária e a nossa escolha só ocorreu depois dessa discussão. Portanto, nós primeiro organizamos o programa político e só depois é que vamos às pessoas.

Muito bem. Então, para encerrar esta matéria, uma última pergunta: se o convite acontecer, aceita?

(Risos) Se o convite for feito...

Sim, se o tal colectivo chegar à conclusão que o melhor candidato será Pedro Ventura, aceita?

A escolha não é feita dessa forma... Em Janeiro de 2013 será a altura em que as decisões serão tomadas.

Mas não teria honra e orgulho se fosse convidado para cabeça-de-lista da candidatura da CDU à câmara de Sintra? Eu aceito todo o trabalho que o meu partido, o PCP, me propõe enquanto cidadão de Sintra. Aliás, eu vim trabalhar para Sintra



Pedro Ventura tutela a gestão dos mercados

com uma proposta muito clara do Partido Comunista Português. Se eu, como cidadão sintrense, estava também interessado em dar o meu contributo à CDU e eu aceitei. E aceitei dar essa participação sem nenhum horizonte e, mais do que isso, sem nenhum cargo político. Tenho o meu trabalho privado, pessoal, na área de projectismo, ligado ao planeamento de empreendimentos turísticos relacionados com a cultura, tendo trabalhado muitos anos na UNESCO e quando o partido me fez o convite não disse: ‘nós queremos que tu vás exercer o papel de vereador, adjunto, deputado... Não. Nós entendemos que o teu contributo é importante e...’

Esse convite, está a dizer, foi uma espécie de página em branco.

Isso. Uma página em branco. Se o partido quiser que eu continue a dar o meu contributo de militante, continuarei a dá-lo. **E se o partido entender que esse contributo terá a forma, digamos assim, da candidatura à câmara, assim será...** Isso terá de ser equacionado pelo meu colectivo partidário. (sorrisos)

É assim tão difícil um comunista assumir que terá orgulho em poder ser candidato à câmara?

Não, não é difícil. Nós temos, eu tenho, muito orgulho fazer parte do Partido Comunista Português. Aliás, nós vamos entrar, em 2013, no ano da comemoração do centenário do aniversário de Álvaro Cunhal, um homem que nos dignifica quando olhamos para o descrédito da classe política nos últimos anos. Mas, como dizia, nós achamos que devemos cumprir determinadas etapas... E como a questão ainda não está discutida nos órgãos (do Partido) e como nós damos muita importância a isso...

Mas se, por acaso, caísse em si essa responsabilidade, a da

candidatura à CM Sintra pela CDU, receia isso? É que, apesar de haver no seu partido uma lógica colectiva, o candidato a presidente de uma autarquia é sempre o rosto dessa candidatura, é a pessoa que é mais interpelada nas ruas, é quem vai aos debates, dá entrevistas... tem de conhecer melhor os dossiers. Repare que pode ganhar-se ou perder-se uma eleição num debate. Por isso, coloque-lhe a questão: assusta-o o peso dessa responsabilidade?

O peso não me assusta porque a nossa forma de organização é colectiva.

Sim, mas se for a uma debate, não vai ter o coletivo atrás de si a dar-lhe as dicas... Se estiver a fazer campanha nas ruas, é a si que as pessoas maioritariamente se dirigem...

E isso tem acontecido. Sou interpelado nas ruas. As pessoas começam a conhecer-me nas ruas e sou interpelado. E isso não me assusta.

E gosta desse tipo de contacto?

Não me assusta e gosto.

Perguntei-lhe isso, pois há pessoas que são tímidas ao ponto de evitarem muito o contacto nas ruas.

Não, isso não tenho. (risos) Não me assusto e gosto porque também há uma grande vantagem da CDU em relação às outras forças políticas. Nós temos uma forte implantação popular e isso dá-nos uma segurança muito grande. Por outro lado, o nosso tipo de organização permite-nos conhecer os problemas de todas as freguesias de forma muito pormenorizado. Essa segurança permite-nos entrar num bairro qualquer e quase identificar logo quem nos vai interpelar. Não sou natural de Sintra...

Nasceu onde?

Nasci em Viseu e moro em Sintra desde o ano 2000 e já conheço bem o município. É claro que o município tem uma série de problemas que são muito complicados.

A CDU não ganhou as eleições autárquicas mas aceitou a atribuição de pelouros e faz, assim, parte do trabalho governativo da edilidade. Não considera que isso possa ser mal interpretado pelos eleitores? Nas próximas eleições, os senhores vão dizer que as vossas propostas não são as da coligação PSD/CDS e arriscam-se a ouvir as pessoas a perguntar-vos ‘então, porque estiveram juntos na câmara, porque aceitaram pelouros’?

Isso explica-se com bastante facilidade. Nós defendemos o poder local democrático e participativo. Ou seja, e isto é uma conquista do 25 de Abril, nós devemos participar no poder local democrático de forma a resolver os problemas imediatos das populações. O nosso entendimento, aqui em Sintra, sempre foi o de que, se nos forem garantidas condições – e esta é a grande questão – para, nas áreas da nossa responsabilidade, nós cumprirmos aquilo que está no nosso programa, nós participamos nesse esforço de governação.

Não sente que está a trair o seu eleitorado?

Não sentimos porque não nos devemos reduzir a uma oposição apenas verbal ou a uma oposição que apenas se organiza para ciclos eleitorais, que apenas poderá assumir responsabilidades governativas se ganhar a câmara. E é por isso que nós perdemos e assumimos responsabilidades. E é por isso que nós saímos da câmara como foi os casos de Baptista Alves e de Lino Paulo e continuamos a ter responsabilidades no município. E isso é uma linha que nos distingue completamente daqueles que foram candidatos a Sintra, perderam

as eleições e foram-se embora. Nós perdemos as eleições e ficamos para trabalhar.

Importa aqui referir que não se pode dizer que o trabalho de oposição dos vereadores do Partido Socialista, que não têm pelouros atribuídos, não é um trabalho igualmente válido...

Claro que é. Mas repare que só no mandato da presidente Edite Estrela nós, CDU, não tivemos pelouros atribuídos por opção.

Mas essa opção foi porque não foram convidados?

Foi a opção do Partido Socialista não atribuir pelouros. Que é uma decisão política perfeitamente legítima de quem ganhou as eleições. Mas nos três mandatos do Presidente Seara, nós aceitámos pelouros mediante aquelas condições que referi. Mas nós temos, em relação a uma série de matérias, uma completa discordância em relação ao presidente da Câmara.

E faz-lhe sentir isso?

Fazemos, claro. Ainda há muito pouco tempo, em relação ao mega agrupamentos escolares, eu, enquanto vereador da CDU com responsabilidades, votei contra essa criação porque considero que isso vai levar a uma centralização de alunos nas áreas urbanas, o que provocará uma saída desses alunos das áreas rurais e não permitem resolver os problemas. O PSD e o CDS, que compõem a coligação MaisSintra votaram a favor, o Partido Socialista absteve-se na votação porque a proposta dos mega agrupamentos vem do tempo do governo Sócrates e eu votei contra. Votei claramente contra. Há determinados processos em que temos esta frontalidade política que decorre do compromisso assumido com a população. E o compromisso é: nós estamos aqui para trabalhar, não estamos aqui para ocupar cargos como se fossemos apenas 'boys for the jobs'. É essa a nossa grande diferença. E daí nós apresentarmos trabalho.

A relação institucional entre as diversas forças partidárias no executivo funciona bem ou há choques políticos?

Bem, há choques políticos que são ideológicos, e quanto a isso não há forma de o ultrapassar. Mas, quanto ao resto, não existe uma atitude de má educação perante os nossos opositores políticos. A política deve ter um grau de elevação e não deve ser rasteira. E nós, enquanto CDU, defendemos que os valores da política são valores sérios porque interferem directamente com a população, são os valores que fundaram a nossa democracia e os políticos têm de ser os primeiros a ter atitudes de grande responsabilidade.

O que dizia o programa da CDU sobre a Divisão de Licenciamento das Actividades Económicas e Gestão de Mercados, no fundo aquilo que é a parte substancial do seu pelouro?

O que diz o programa? Para a CDU, este deve ser o grande pelouro para os próximos anos. As Actividades Económicas devem ter, para a câmara de Sintra, nos próximos anos, a maior importância. Infelizmente a realidade deu-nos razão. Uma política municipal virada a especulação imobiliária iria ter um fim muito rápido e iria comprometer o próprio equilíbrio financeiro da câmara, o que é natural, pois quando se atinge o limite de construção imediatamente existe uma quebra enorme de venda de habitação e isso reflecte-se nas receitas municipais. Por isso, as actividades económicas deve ser o grande pelouro e a câmara municipal tem de virar baterias para esta divisão que, seguramente, vai ser da maior importância. E nós assumimos essa divisão. Bem, aqui chegados, o que verificamos na divisão? Em primeiro lugar, alguns problemas que deveriam ser resolvidos, nomeadamente cobranças que não eram realizadas a grandes empresas, que não faziam os

pagamentos que eram devidos e a actualização de uma série de taxas sem sobrecarregar todos os que já estão sobrecarregados, que são o pequeno comércio, as pequenas e micro empresas, e mesmo a população em geral. Elaborámos uma reformulação da própria divisão e por exemplo, se compararmos o mapa anual de receita cobrada entre Janeiro e Julho de 2010 e de 2012, nós temos uma progressão de valores de receitas de 1 milhão 107 mil euros em 2010 e, quando assumimos o pelouro, em 2011, os valores crescem para 2 milhões 310 mil e, neste momento, estão nos 5 milhões 480 mil.

E isso não está a onerar o pequeno comerciante?

Não. E nós temos provas concretas em como não está a onerar. Mas claro que agora esta receita tem de se reflectir no investimento municipal.

E como é que se vai reflectir?

Nós temos várias formas. Uma, foi analisar concretamente

Mercado da Vila, que será um polo aglutinador de actividades, com apresentação de livros, espectáculos, curso com chefs, etc. É isso que se pretende fazer aqui?

É isso e não só. E aí estará a grande diferença. Nós não podemos comparar o modelo de Barcelona que é uma cidade turística, e que tem mercados históricos com implantação nos bairros, com por exemplo uma área urbana que é Sintra, que é uma área recente. Isso alterou muito as relações comerciais. Nós aqui, em Sintra, temos um grande peso do pequeno comércio, mas depois houve uma opção de se criar uma faixa de grandes superfícies a longo do IC19 que faz com que os mercados também não funcionem. Isto à excepção de alguns mercados como de Rio de Mouro, para o qual já realizámos e continuamos a realizar uma série de iniciativas culturais em que se conseguiu criar essa tal dinâmica que me estava a falar do Mercado de Cascais ou dos de Barcelona, temos o de

Aguilva, que funciona de uma forma muito concreta, temos o de Cacém, cujas obras de qualificação já foram adjudicadas e que vão avançar no sentido de lhe dar centralidade, e temos o de Queluz, que já tinha referido. Mas depois temos outros mercados que, dado o crescimento urbano e dada a enorme implantação de grandes superfícies, não conseguem funcionar, esvaziaram-se.

E a Câmara tem solução para isso?

A Câmara tem solução. A solução foi redireccionar a actividade económica dentro desses mercados.

Ou seja: aproveitar o espaço para outras actividades.

Aproveitar o espaço. Vamos ter o balcão do empreendedorismo que poderá ter outro nome para que todas as pessoas que têm um primeiro negócio e não têm forma de se instalarem, nem têm capacidade financeira para comprar ou alugar uma loja, encontrarem ali, a preços



Pedro Ventura em actividade partidária

dentro desta divisão as áreas que existiam, nomeadamente a de mercados. Identificámos algumas zonas e mercados problemáticos que necessitam de obras de requalificação.

Estamos a falar de mercados municipais?

Sim.

Quantos mercados existem no concelho?

Por acaso, não lhe consigo precisar, porque há mercados que estão atribuídos a juntas de freguesia. Ou seja, quase todas as juntas de freguesia têm o seu mercado à excepção de São João das Lampas. Portanto, vimos que há mercados que têm problemas, como o de Queluz, onde vamos iniciar obras de requalificação.

E essas obras serão suportadas por estas receitas de que falou?

Vão sair do orçamento municipal.

E isto reforça o orçamento municipal...

E nós achamos que as actividades económicas devem ser o motor da receita financeira da Câmara Municipal de Sintra quando vemos que o departamento de urbanismo entrou em clara quebra de receita. Se vemos um sector que está a crescer e se nós achamos que o futuro do nosso concelho só pode acontecer com o desenvolvimento das actividades económicas – porque ninguém acredita que um concelho, uma família ou um país se desenvolvem com taxas de desemprego enormes – então, consideramos que este sector deve ser o motor para a criação de emprego e de fixação de empresas no concelho.

Falou em mercados e na vizinha Espanha vemos os exemplos de Barcelona ou Madrid, em que os mercados municipais são locais cheios de vida, onde as pessoas se encontram, comem, petiscam, fazem as suas compras, são locais que os turistas procuram. Aqui ao lado, no concelho de Cascais, está a procurar-se revitalizar os mercados precisamente procurando algo de semelhante, criando o conceito de

reduzidos, uma forma de instalarem o seu primeiro negócio.

E vai acontecer em que mercados?

Na Tapada. Lançámos já o programa. Para além disso estamos também a alojar algumas associações também em lojas que não tinham ocupação, o que também tem impacto na economia. É nosso entendimento, da CDU, que se a Câmara tem estruturas estas não devem estar vazias, têm de estar ocupadas. Estarem vazias significa apenas um custo para a câmara...

... e revela, de alguma forma, alguma incompetência...

revelam incompetência e não permite retorno financeiro. No Mercado da Estefânia vamos criar também aquilo que se podem chamar um 'call work'. <Tentar ocupar áreas que estejam vazias por pessoas que não tendo oportunidade de alugar uma loja tenham ali um espaço colectivo de micro e pequenas empresas que se possam ali instalar de forma a se requalificar o mercado. Pergunta-me, mas isso é uma ideia nova da CDU de Sintra? Não, não é uma ideia nova. Isto já existe em Lisboa, no LX Factory, por exemplo, no Mercado do Bolhão, no Porto...

Mas as boas ideias devem ser replicadas...

Claro, e nós, no fundo, estamos também a responder a uma procura, que nós notamos na Divisão de Actividades Económicas: muitas pessoas infelizmente foram para o desemprego – e o desemprego não é uma oportunidade, é uma chaga social enorme – e a câmara tem de ter um papel, não podemos ficar de braços cruzados perante o drama que é ter mais de vinte mil pessoas desempregadas no concelho de Sintra. Nós temos de dar também o nosso contributo de forma a se criar também emprego. Esta é que é a grande diferença para Sintra. A Câmara de Sintra deve ser também um motor de emprego no concelho.

SOCIEDADE

Como é que a Câmara pode, para além disso que já falou de ser facilitadora de espaços, ser geradora de empregos?

No fundo trata-se daquilo que eu disse: a mudança de um paradigma. Mudar a prioridade do urbanismo para as actividades económicas. A Câmara tem uma estrutura de técnicos camarários capazes e competentes que pode ser melhor potencializada e direcionada para as actividades económicas. Posso dar-lhe alguns exemplos concretos. Nós temos áreas industriais que estão perfeitamente desorganizadas. Ou seja: quem é o investidor nacional ou estrangeiro que viaje no IC19 e olhe para fábricas que parecem saídas do nada? Quem é que olha para aquilo e sente atractividade para se implantar naquelas áreas? Nós temos de criar condições dentro do urbanismo para ter um departamento apenas vocacionado para a reabilitação urbanística das nossas áreas industriais. É preciso dar-lhes apetência. Nós estamos num sítio óptimo, temos o IC1, uma estrada com capacidade para escoar fluxos de trânsito para Lisboa com muita facilidade; temos a linha férrea que atravessa todo o concelho; temos uma auto-estrada, a A16 que cruza a zona norte e sul do concelho e temos um aeroporto que, se tivesse uma utilização civil, comercial e económica, poderia criar uma afirmação de Sintra não apenas como o concelho ligado ao património cultural da humanidade, mas também um concelho ligado em empreendedorismo, ao emprego, às indústrias...

Mas como é que se consegue requalificar agora esses edifícios plantados no concelho de Sintra, em que cada um tem o seu modelo arquitectónico, a sua cor, às vezes até desenhados uns dos outros na mesma zona?

Consegue-se através de uma política de requalificação urbana. E isso começa com a estruturação das próprias redes viárias. Nós temos responsabilidades ao nível das redes viárias municipais e devemos dar-lhes dignidade. Fazendo isso e a requalificação ambiental, essas zonas irão ganhar melhor atractividade. Aliás, nós temos uma grande procura, por exemplo na zona da Terrugem, para o sector da logística. Nós temos uma grande procura, na zona de Abrunheira e Mem-Martins, pelo sector ligado ao medicamento. Nós temos é de criar na Câmara essas estruturas que actuem na urbanização dessas áreas e, por outro lado, na captação de investimento através de um gabinete que se especialize nisso. Há fundos comunitários que podem vir para Sintra, no âmbito do novo Quadro Comunitário de Apoio, que está para sair. Esse é um trabalho que temos de fazer a par de um outro: o da agilização do licenciamento. Nós não podemos crer que um investidor fique à espera anos até que a Câmara Municipal licencie o seu projecto.

Mas a responsabilidade do licenciamento é sua...

O licenciamento da actividade económica e não, depois, o licenciamento urbanístico. São coisas diferentes.

Quando tempo depende o licenciamento de uma actividade económica?

Depende, depende. Se for numa estrutura já criada, é rápido. Se for numa estrutura que se vai criar, pode demorar muito tempo. Pode demorar um ano, pode ser até mais do que isso. Mas o licenciamento não é apenas culpa da Câmara. O licenciamento nacional é complicado. Nós podemos é agilizar. Dou-lhe um exemplo: ninguém consegue compreender que alguém coloque a licença para a construção de um muro na sua casa e esse muro ou o licenciamento de uma empresa tenha o mesmo nível de prioridade. Isso não pode acontecer. Tem de haver

aqui uma separação clara. O sector empresarial deve ser acarinhado pelo município que deve criar estruturas para dar resposta ao sector do empreendedorismo.

Dizer que pretende atrair empresas e investimento para o concelho parece interessante mas, basta estar atento à realidade, e dir-se-ia contra os factos de todos os dias. Não

seria mais prudente e útil procurar, de alguma forma, que as empresas que existem no concelho não fechassem portas e deixassem mais munícipes no desemprego?

O meu discurso é anti-crise. O discurso da crise e da sua inevitabilidade é a derrota total.

Sabe quantas empresas fecham aqui no concelho por dia, por exemplo?

Não, não tenho esses números.

Mas tem consciência disso?

Nós temos consciência de que temos de fazer um esforço para manter as empresas abertas no concelho.

Qual é o esforço?

Por exemplo, ao nível do pagamento de taxas, ao fazer que esse pagamento seja mais reduzido. Estamos a fazer esse esforço, mas claro que depois há outros factores ligados com custos de produção que não dependem de nós.

Mas há pouco, ao falar no aumento das receitas cobradas ao nível de licenciamento...

...eram receitas não cobradas...

...sim, claro, mas ao cobrá-las, poderá estar a dificultar a vida económica das empresas locais, ou não?

Trata-se de grandes empresas nacionais que operam no concelho, como a EDP, as ligadas ao multimédia... É dessas empresas que estamos a falar e não de empresas produtoras no concelho de Sintra. Dou-lhe um exemplo de um sector que temos de aguentar: o dos mármore, o das rochas ornamentais que tem um peso enorme na economia local.

O que é que a câmara pode fazer para apoiar esse sector?

O que a câmara pode e está a fazer é, com o governo – infelizmente ainda sem resposta do executivo – unir uma série de empresários ligados às indústrias extractivas de forma a que em Sintra se criasse um cluster de rochas ornamentais. Temos empresários que têm trabalho, que exportam e são empregadores. A Câmara de Sintra tem dado e vai continuar a dar esse apoio na criação desse cluster de forma a que, no próximo quadro comunitário de apoio se transfiram verbas para a modernização destas indústrias. Repare que estas indústrias muitas vezes não conseguem competir com outras idênticas existentes no país, como as localizadas no planalto de Santo António, na zona de Alcobaça, na Serra de Mira D'Aire, porque a área da Grande Lisboa está fechada a Fundos Comunitários.

E o cluster pode ser a solução para isso?

O cluster é a solução. Em Itália, por exemplo, essa foi também a solução encontrada para a modernização da indústria dos mármore de Carrara, inserida na comuna de Milão, a mais rica de Itália. Disse que há empresas que estão a fechar portas mas há também empresas que se estão a estruturar em Sintra. O sector da logística, por exemplo, tem-se estabelecido aqui. Tem vindo para aqui de outras áreas do país e da área Metropolitana de Lisboa...

Por causa da rede de transportes que referiu?

Precisamente por causa da rede de transportes. Temos rodovia, ferrovia e mesmo transporte aéreo, pois temos aqui uma base. Tem é apenas utilização militar.

A Câmara não pode fazer nada para a abertura civil, pelo menos de parte dessa estrutura?

A Câmara tem de continuar a exercer pressão política junto do governo para que esta questão seja desbloqueada. No fundo, é isso. A Câmara tem de exercer lobby político.

E está a fazê-lo?

Julgo que sim.

Não tem a certeza disso?

(sorrisos) Julgo que sim, que está a exercer essa pressão.

Temos vindo a falar em economia, e isso é patente também, a nível regional em produtos e marcas concelhias que têm grande notoriedade. O leitão de Negrals, a doçaria tradicional de Sintra, os vinhos de Colares... Que pode fazer a Câmara para dar visibilidade a todos estes produtos? Será possível a edilidade agir como se fosse uma espécie de agente de marketing dos produtos made in Sintra?

Sim. Temos várias marcas de sucesso em Sintra. Aliás, foi fundada uma Confraria dos Sabores de Sintra que reuniu várias marcas de sucesso.

Estamos a falar de que marcas?

Estamos a falar dos pastéis da Piriquita, da Marianita em Queluz, que faz pastéis de nata de grande qualidade, estamos a falar do Leitão de Negrals, estamos a falar do Vinho de Colares que é uma região DOC desde 1908, estamos a falar da própria marca de Sintra. No fundo estamos a falar também de uma série de produtos rurais de agricultura biológica que

também não são potenciados. E nós temos um concelho com áreas e realidades muito distintas. Temos o sector dos mármore em que temos de apostar claramente. Por exemplo, qualquer obra pública que a câmara venha a realizar deve incluir mármore transformados em Sintra. É um ponto perfeitamente consensual na autarquia.

Como pode fazer isso?

Colocando nos contratos cláusulas que levem a utilização de mármore apenas transformados em Sintra. Mas se me permite, regressando às marcas, temos ainda a Adega Cooperativa de Colares, e importa referir que a Câmara iniciou um processo de promoção desses vinhos, com exposições em Portugal.

“Aproveitar o espaço dos mercados para ter o balcão do empreendedorismo aberto a todas as pessoas que têm um primeiro negócio e não têm forma de se instalarem, nem têm capacidade financeira para comprar ou alugar uma loja”

Mas também temos zonas agrícolas com forte potencial e aquilo que as Actividades Económicas vão realizar já no próximo ano é uma Feira de Produtos Agrícolas de Sintra. Como? Chamando os principais produtores de forma a se dinamizar aquilo que é produzido localmente.

Qual será a periodicidade dessa feira?

Não está ainda definido isso.

Em Almoçagem há um pequeno mercado de produtos agrícolas aos fins-de-semana. A Câmara não podia criar ali algumas estruturas de apoio para beneficiar aquele local? Tem vindo a falar nesta entrevista em criar novas estruturas e temos ali uma que funciona e que carece de evidentes melhoramentos...

O mercado não está estruturado nos moldes que poderíamos achar correctos mas é assim que aquilo funciona. Houve uma proposta de estruturação daquela área mas que não foi aceite pelos vendedores pois eles

entendem que isso seria matar o mercado. Nós assumimos que quem está é que tem o poder de decidir. Isto é o poder local democrático.

No fundo está a dizer-me que a Câmara não deve impor nada, não deve ter uma atitude autoritária...

A Câmara não deve ter. Atitudes autoritárias levam a que não se resolvam os problemas. Veja o caso da extinção das freguesias do concelho de Sintra. Isto que está a acontecer, com a imposição da redução de 9 freguesias é uma prepotência do Estado central, é uma anormalidade querer, como quer o Governo, que Sintra tenha as mesmas freguesias que tinha nos anos 20 do século passado. Isto não é possível.

Ainda voltando ao mundo rural. Há cada vez mais pessoas, especialmente jovens, que estão a regressar ou a tentar iniciar-se na agricultura. Muitos têm vontade, até conhecimentos, mas falta-lhes o essencial: a terra. E há imensas propriedades que estão ao abandono... A Câmara não podia criar aqui uma espécie de banco de terras para esses novos agricultores?

O Ministério da Agricultura é que pode fazer isso. Nós podemos é tentar desbloquear junto de proprietários de terras, que estejam ao abandono, para que eles permitam o seu aluguer, por exemplo. Mas não podemos impor nada. O que nós conseguimos fazer é ao nível das hortas urbanas. Temos potencial para isso. Aliás, isso está a ser regulamentado, estando agora na Assembleia Municipal. A Câmara tem terras municipais, muitas delas em leitões de ribeiras que podem ser transformadas em hortas urbanas e dá resposta a uma necessidade cada vez mais premente das populações.

Muito bem, chegámos ao fim da entrevista. Talvez regresses aqui em Janeiro, para falar, então, com o candidato da CDU. (gargalhada) Eu é que agradeço esta oportunidade de falar com os leitores do Jornal de Sintra.

“as actividades económicas devem ser o grande pelouro e a câmara municipal tem de virar baterias para esta realidade que, seguramente, vai ser da maior importância”

Campeonato Nacional da 3.ª Divisão — Série E — 9.ª Jornada — Real Sport Clube, I-Sport União Sintrense, 0

Gong resolve

António José

A equipa da cidade de Queluz voltou a jogar no piso sintético, devido ao relvado do campo principal não estar nas devidas condições para a prática da modalidade.

A partida alternou entre momentos de futebol agradável e outros menos bons. Os comandados de Luís Silva, entraram bem no jogo e logo nos minutos iniciais criaram duas soberbas ocasiões de inaugurar o marcador por André Cacito, mas ambas as vezes a bola saiu por cima do travessão. A equipa da casa entrou algo receosa, no encontro, enquanto não acertou nas marcações, os visitantes causaram algum embaraço ao sector defensivo. Só aos 25' é que surgiu o primeiro remate à baliza de Hugo, por Tomás Costa. A três minutos do fim da primeira metade Ventura recebe o esférico em posição irregular e faz a bola passar por cima do guardião sintrense, o fiscal de linha um pouco atrás, nada assinala, mas o juiz algarvio invalida e bem o golo. Na segunda metade, tudo foi diferente com o Real, a marcar logo na primeira jogada por intermédio do chinês Gong. Os pupilos de João



Ataque do Real com Hugo a efectuar uma defesa apertada

foto: José António

Silva, surgiram mais afoitos no ataque, com alguns lances de perigo junto da baliza de Hugo. Ao 56' David Rosa, fora da área, remata forte, a bola embate num defesa e por pouco não traiu o guardião sintrense. Porém, aos 59' o juiz da partida deixou passar em

claro um penalti favorável ao Sintrense, já noutra lance atrás Hugo fora da área comete falta sobre Pratas, apenas viu a cartolina amarela. De resto, o triunfo acaba por premiar a equipa da casa, o Sintrense teve oportunidade de marcar um ou dois golos

na etapa inicial, tudo fez para chegar ao empate, mas foi incapaz de chegar ao golo.

Ficha do jogo

Jogo no campo n.º 2 do Real, em Monte Abraão.
Árbitro: Carlos Cabral, auxi-

liado por Eduardo Miguel e Mauro Valente (Algarve).

Real Sport Clube: André Martins; David Rosa, Miguel Santos, Jibril e Gong; Tomás Costa (Tino, 78'), Paulo Silva, Ladeiras e Bernardo Ribolhos; Pratas (Caramelo, 73') Ventura (Romano, 88').
Treinador: João Silva.

Sport União Sintrense: Hugo; Pedro Pereira, Telis (Feijó, 75'), Pedro Marques e Divaldo; Emanuel (Figueiredo, int.), Vítor Gomes (Bóbó, 61'), Sandro e André Cacito; Rodrigo e Jorge Alves.
Treinador: Luís Silva.

Ao intervalo: 0-0. Marcador: Gong (46').

Pêro Pinheiro vence Fabril

No campo Pardal Monteiro, o Clube Atlético de Pêro Pinheiro defrontou o Fabril do Barreiro e venceu por 2-1. Kiko inaugurou o marcador aos oito minutos de jogo, vantagem que duraria até ao intervalo. No reatamento (50'), os barreirenses empatariam, mas volvidos quatro minutos, a turma de Hélder Ferreira colocava-se de novo em vantagem com um tento de Geraldino. A vantagem de 2-1 acabaria por se manter até final apesar das várias oportunidades de ambas as equipas.

Na classificação, o Sacavenense lidera (20 pontos), seguido do Lourinhanense (18), Sintrense, Elétrico, Barreirense, e União de Tires todos com 15. Pêro Pinheiro (8.º), e Real (9.º) somam ambos 11 pontos. O S.L. e Cartaxo é o último (12.º) com 1 ponto.

Na próxima jornada (10.ª) a realizar no dia 9 de Dezembro, o Sintrense defronta em casa, o Pêro Pinheiro, e o Real desloca-se a Ponte de Sor para defrontar o Elétrico FC.

VS

I.ª Divisão da AFL — Séries 1 e 2

Mucifalense vence em Mem Martins

No Campeonato Distrital da 1.ª Divisão da AFL, a União Mucifalense continua imparável na Série-1. Na 8.ª jornada disputada no domingo, dia 25, venceu na Quinta do Recanto, o Mem Martins Sport Clube por 2-0, mantendo a liderança da prova com 1 ponto de vantagem sobre a AD Coutada que venceu (2-1), o Igreja Nova.

A subir está "Os Montelavarenses" que derrotou o Ericeirense, por 2-1, e igualou igualou o Mem Martins no 4.º lugar (13 pontos). Já o MTBA e apesar da vitória (4-5) no campo do União Recreio mantém o penúltimo lugar (15.º) com 5 pontos.

Na próxima jornada (dia 2/12, a U.Mucifalense recebe o União Recreio, e o MTBA, A-dos-Cunhados. Fora de casa jogam "Os Montelavarenses no campo do Sobreirense, e Mem Martins no do Ericeirense. Na Série-2, o Sintra Football parece em queda depois de um início de campeonato promissor. Na jornada do passado fim-de-semana foi derrotado em casa (Monte Abraão) pela Associação Desportiva e Cultural Encarnação e Olivais (ADCEO) por 1-4, e caiu para o 7.º lugar com 11 pontos. Também o Ginásio Clube 1.º de Maio de Aqualva tarda em acertar o passo e voltou a perder em casa, desta feita com o Fontainhas (0-1), pese embora o facto da equipa de Cascais ser a líder da prova (20 pontos). A turma de Aqualva é agora 9.ª com 10 pontos.

Na jornada do dia 2 de Dezembro, o Sintra Football desloca-se ao terreno do Atlético de Porto Salvo, e o Aqualva, a casa do Domingos Sávio.

Futebol — Nacional feminino

1.º Dezembro perde invencibilidade

Após 140 jogos (seis anos e meio) sem conhecer o sabor da derrota, para o Campeonato Nacional de Futebol Feminino, a União 1.º Dezembro perdeu no domingo, dia 25 a invencibilidade ao sair derrotada em Ourém por 1-0, num duelo com o Atlético Ouriense, uma das equipas emergentes no futebol feminino e que depois de ter sido campeã na época passada no nacional de Promoção sem derrotas, aparece entre as melhores do campeonato português.

Ainda assim, e apesar do desaire, a União 1.º Dezembro mantém-se firme na liderança da prova (25 pontos), com o Atlético Ouriense no 2.º lugar (22), e o Clube Albergaria em 3.º (18).

Na próxima jornada a realizar no dia 25, as campeãs nacionais recebem as serranas da Fundação Laura Santos.

Nacional da II Divisão — Zona Sul

1.º Dezembro perde em casa

Jogou-se no domingo, dia 25, a 9.ª jornada do Campeonato Nacional da II Divisão-Zona Sul, com o 1.º Dezembro a receber no campo Conde Sucena, em S. Pedro de Sintra, a equipa algarvia do Quarteirense. Apesar do forte domínio dos sintrenses seria a turma visitante a inaugurar o marcador aos 75 minutos de jogo, um golo solitário que acabaria por dar os três pontos aos algarvios. Já perto do final, Angel (1.º Dez.) seria expulso, acabando a equipa orientada por Paulinho com menos uma unidade em campo e mais uma baixa para a deslocação na jornada 10, ao campo da A.D. do Carregado.

Na classificação, o Sertanense voltou ao comando embora em igualdade pontual com o Farenses (19 pontos). O Desportivo de Mafra é 3.º (18), e o 1.º Dezembro, 8.º com 11. O lanterna-vermelha (16.º) é o Ribeira Brava (Madeira) que soma apenas 5 pontos. O campeonato volta a sofrer uma paragem devido à realização de mais uma eliminatória da Taça de Portugal voltando no dia 9 de Dezembro.

Divisão de Honra da AFL

Cacém recebe Tojal

Na 11.ª jornada do Campeonato Distrital da Divisão de Honra da AFL, com data marcada para o próximo domingo, dia 2 de Dezembro, o Atlético Clube do Cacém defronta no campo Joaquim Vieira, o Atlético do Tojal, com o favoritismo a pender para o conjunto da casa, orientado por Ricardo Silva.

Em Lourel, o emblema presidido por José Ribeiro recebe o Atlético União Povoense, numa partida em que os leões vão querer manter a invencibilidade caseira, rectificando os resultados negativos fora de casa, como o que foi registado na jornada anterior (dia 25) em que saiu derrotada por 3-0 no campo do Murteirense. Nesta ronda, o Cacém empatou (0-0) no campo do Vila Franca do Rosário e ultrapassou o Lourel na classificação. É agora 10.º (13 pontos), enquanto os leões caíram para o 11.º lugar (12). Lidera o Loures com 27, seguido do C.F. Santa Iria com 23, e Águias da Musgueira, com 20.

DESPORTO

H.C.Sintra vence (6-3) HCP Grândola no nacional da 2.ª Divisão de Hóquei em Patins

A noite de luxo de Rui Carvalho na baliza sintrense

O pavilhão de Monte Santos acolheu na noite de sábado, dia 24, o duelo entre o Hockey Club de Sintra e o Hóquei Clube de Patinagem de Grândola, partida inserida na 8.ª jornada do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão de Hóquei em Patins-Zona Sul. O conjunto orientado por Rui Vieira venceu por 6-3, numa noite em que o guarda-redes Rui Carvalho teve uma grande actuação e que mereceu no final os aplausos da assistência, incluindo os adeptos da turma alentejana.

Empatadas em pontos na tabela classificativa, as equipas de Sintra e de Grândola prometiam um excelente espectáculo de patinagem. Em casa, os sintrenses não deixam os seus créditos por mãos alheias, e os grandolenses não são de se ficar por meias-palavras como demonstram os resultados fora de portas. Dois ingredientes que suscitaram uma natural expectativa nos adeptos de ambas as equipas, embora os visitantes fossem em número muito reduzido. Porém, e apesar de estarem em minoria no pavilhão, foram sempre muito mais entusiasmadas e nunca se calam durante todo o desafio contribuindo para animar o ambiente numa noite fria e pouco convidativa para sair do conforto de casa.

Paulo Dias marca num abrir e fechar de olhos

Ao apito inicial do árbitro, respondeu o *Sintra* com uma forte pressão atacante não deixando a turma visitante respirar. E ainda alguns espectadores se acomodavam nas cadeiras, já o capitão Paulo Dias dava colorido ao marcador ao apontar o primeiro golo aos 30 segundos de jogo, para decorridos pouco mais de seis minutos, Fábio Quintino aumentar para 2-0. A velocidade imposta pelo conjunto orientado por Rui Vieira fazia recuar os grandolenses para



Diogo Carrilho na condução de mais uma jogada de ataque dos sintrenses

foto: ventura saraiva

junto da sua baliza que aos 11 minutos de jogo dispuseram de uma soberana oportunidade na marcação de uma grande penalidade mas que Paulo Pires não concretizaria ao atirar à figura de Rui Carvalho. Faltavam então pouco mais de três minutos para o intervalo, e Fábio Quintino elevava para 3-0, uma vantagem parcial que o *Sintra* levava para as cabines, deixando excelentes perspectivas para a segunda parte do desafio.

Pedro Natário marca no reatamento e faz o melhor golo da partida

No regresso dos balneários, o *Sin-*

tra entrou com a mesma disposição atacante com que tinha começado o desafio. Ainda o relógio não assinalava um minuto de jogo e Pedro Natário aumentava o score para 4-0, naquele que viria a ser o melhor golo do desafio. Uma jogada rápida entre Natário e Gonçalo Ferrão, trocas de bola e assistência para Pedro Natário desfeitear o antigo guardião do clube de Monte Santos, Ricardo Costa ("Piteira") que nada pôde fazer para evitar o golo.

Com uma vantagem algo confortável, Rui Vieira aproveita para rodar os outros patinadores e a equipa de Grândola começa a abusar de alguma dureza que a dupla de arbitragem

vai permitindo. À passagem dos 8 minutos "inventa" um penálti contra o Sintra que Rui Carvalho defende. Aos 14' perdoa uma cartolina azul ao patinador António Pereira, mas aos 16' seria inevitável, e por isso Nélson Mateus seria castigado. Do livre directo, Fábio Quintino assinava o seu "hat-trick" e fazia o 5-0, vantagem mais que merecida para a turma sintrense. O jogo entra então numa fase de alguma indisciplina dos visitantes com a dupla de arbitragem a complicar nas decisões. A 4 minutos do final, o Grândola finalmente marca, para num minuto encurtar para 5-3, dois golos algo facilitados por Rui Carvalho mas que não mancham a sua brilhante actuação na partida. O 6.º golo acabaria por surgir já nos últimos segundos por Diogo Dias, colocando um ponto final na pressão dos visitantes e repondo alguma verdade na diferença de golos a favor do Hockey Club de Sintra.

Ficha do jogo

Pavilhão de Monte Santos
Árbitros: Jorge M.Rodrigues e Paulo Ferrão (CRAHP Setúbal)

H.C. Sintra: Rui Carvalho; Fábio Quintino, Nélson Chorincas, Paulo Dias (cap.), e Pedro Natário (cinco inicial); Diogo Dias, Diogo Ramos, Gonçalo Ferrão, Diogo Carrilho, e

João Alves (gr).
Treinador: Rui Vieira

H.C.P. Grândola: Ricardo Costa; António Pereira, João Pereira, Carlos Pires (cap.), e Ricardo Gonçalves (cinco inicial); Márcio Rosa, Nélson Mateus, Paulo Pires, José Gonçalves, e Tiago Pereira (gr).
Treinador: Nélson Mateus

Ao intervalo: 3-0
Marcadores: Fábio Quintino (3), Pedro Natário, Paulo Dias, e Diogo Dias (HCS), e Márcio Rosa, Nélson Mateus, e João Pereira (HCPG).

Classificação: 1.º Sp. Tomar (24 pontos), 2.º Alcobacense (21), 3.º Alenquer e Bf. (19)... 6.º H.C. Sintra (15), 13.º Nafarros (4), 16.º Vasco da Gama (1).

Próxima jornada (dia 1/12): Nafarros - B.I.R., e Campo Ourique - Sintra.

Nafarros perde em Oeiras

A jogar no reduto da Associação Desportiva de Oeiras, a União de Nafarros vendeu cara a derrota, perdendo por 9-5. Jorge Santos (2), André Lima, Nuno Rilhas, e Pedro Lourenço marcaram os golos da equipa sintrense que ainda assim continua acima dos lugares de despromoção.

Ventura Saraiva

Hóquei em Patins — Supertaça Feminina Turquel - "Os Lobinhos" em V.F. de Xira

Joga-se no domingo, dia 2 de Dezembro no pavilhão da União Desportiva Vilafranquense, em Vila Franca de Xira, a "19.ª Supertaça Feminina de Hóquei em Patins" relativa à época de 2011/2012. Na luta pela conquista do troféu estão as equipas do Hóquei Clube de Turquel (campeã nacional), e do G.R.D "Os Lobinhos" (vencedor da Taça de Portugal). Esta é a 3.ª vez que as equipas se encontram para a discussão do troféu, com uma vitória cada. As "lobinhas" venceram em 2011, e as turquelenses em 2009. O jogo tem início pelas 15h00.

Sintrense celebra 101.º Aniversário Sócios de Mérito distinguidos

O Sport União Sintrense assinalou na 6.ª feira, dia 23, no salão Nobre do Parque de jogos da Portela, o 101.º Aniversário. No decorrer da Sessão Solene foram distinguidos os associados que completaram 25 e 50 anos de filiação, sendo ainda homenageados com as medalhas de "Mérito-Ouro" Fernando Guilherme Ventura, Mário da Silva Ferreira, Joaquim Marques Monteiro, Joaquim Meia Canada (antigo massagista), e Gentil Pinto Monteiro, cujo galardão foi aprovado em Assembleia Geral realizada no passado dia 28 de Setembro.

A cerimónia foi presidida por Jorge Leitão, líder da Mesa da Assembleia Geral, e contou com a presença, entre outros convidados e dirigentes do clube aniversariante, do vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra, Marco Almeida, do presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria e S. Miguel, Eduardo Casinhas, e do presidente da Associação de Futebol de Lisboa (AFL), Nuno Lobo. Foi em clima de confraternização que a festa terminou, com todos os associados num animado beberete oferecido pela direcção do Sport União Sintrense, procedendo-se à abertura do bolo, e brindando ao futuro que todos esperam coroado de êxitos...

PUB.

Lar da Estrela
Residência para idosos
Lar de Idosos com Alvará da Segurança Social
SERVIÇOS: MÉDICO • ENFERMEIRO
ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL
Praceta Rocha Martins, 19
2725-123 Algueirão-Mem Martins Telef.: 21 921 30 86

A FUNERÁRIA
São João das Lampas
Quintino e Morais

SEDE: Rua da Oliveira, 1 - Aldeia Galega
2705-416 S. João das Lampas - SINTRA
Telef. 21 961 85 94 - Fax 21 961 85 80 - Telem 96 40 59 106 / 96 58 04 826

FILIAL 1: Rua Moínho de Fanares, 10 - 2725-394 Mem Martins - SINTRA
Telef. 21 921 43 40 - Fax: 21 926 01 34

FILIAL 2: Rua Visconde d'Asseca, n.º 25 - MUCIFAL
Telef. 21 928 23 95/6 - Fax: 21 928 23 97

ATENDIMENTO PERMANENTE: 21 961 85 94

Agrupamento de Escolas D. Carlos I, em Sintra promove corta-mato escolar

Mais de meio-milhar de atletas numa manhã cheia de entusiasmo

Realizou-se na passada 4.ª feira, dia 28, o corta-mato escolar promovido pelo Agrupamento de Escolas D. Carlos I, em Sintra, e que contou com a participação de mais de meio-milhar de atletas dos escalões de benjamins a Juvenis de ambos os sexos. De resto, toda a comunidade escolar se mobilizou para as várias tarefas de organização com o número total de pessoas envolvidas a rondar as oito centenas. A manhã acordou com algum sol, numa pausa dos dias chuvosos de inverno, o que trouxe mais entusiasmo e alegria aos participantes.

A iniciativa foi acompanhada pelo coordenador do Desporto Escolar de Sintra, Paulo Sanches, que tem desenvolvido grande actividade na promoção da actividade desportiva na população escolar do concelho que ronda os 65.000 alunos. «A nossa intenção é dar visibilidade ao desporto escolar nas várias modalidades que se realizam nos estabelecimentos de ensino no concelho, e assim mobilizar os encarregados de educação para melhor perceberem a importância do desporto na escola» sublinhou o responsável da DRELVT.



KS Mais de meio-milhar de alunos alinharam no corta mato do Agrupamento D. Carlos I

Futsal – Taça Barnabé 2012

Aruilense renova título feminino

Terminou no passado dia 17, no pavilhão desportivo de “Os Lobinhos”, em Vale de Lobos, a 7.ª edição da Taça Barnabé em Futsal promovida pela Junta de Freguesia de Almargem do Bispo. Na apoteose final foram consagrados os campeões de 2012, numa competição que teve o seu início no dia 21 de Setembro, em Albogas, e envolveu cerca de quatro centenas de atletas e dezenas de voluntários de todas as colectividades da freguesia. Na cerimónia final marcaram presença muitos convidados, entre eles o vice-presidente da Câmara Municipal de Sintra, Marco Almeida, responsável pelas áreas do Desporto, Juventude e Educação da autarquia, e do presidente da Junta de Freguesia de Almargem do Bispo.

Quanto aos vencedores, há duas noras de registo: a primeira para o Grupo Desportivo de Camarões que esteve presente em três finais (Feminino, II e III escalão), e o Centro Cultural e Desportivo Aruilense que igualou o palmarés da SR de Negrals no escalão feminino, ao vencer por três vezes consecutivas (2010-2011 e 2012).

Campeões da Taça Barnabé 2012: Almargense (Escolinhas); Sabugense (I Escalão); Camponeses de D. Maria (II Escalão); Soc. Recreativa de Negrals (III Escalão), e CCD Aruilense (Escalão feminino). Foram finalistas vencidos: GD Camarões (II, III escalão, e feminino).

JOMA promove angariação de fundos

Jantar no dia 8 de Dezembro

Os Órgãos Sociais da Juventude Operária de Monte Abraão (JOMA), promovem no próximo dia 8 de Dezembro (sábado), no Salão Paroquial da Igreja de Nossa Senhora da Fé, um jantar de angariação de fundos com o objectivo de minorar as dificuldades de tesouraria, sustentáculo para manter as várias actividades do clube presidido por João Pedro Cardoso.

O momento será aproveitado para homenagear atletas, patrocinadores, sócios e amigos do clube, um reconhecimento público que a JOMA não dispensa todos os anos. O jantar conta com animação musical desde o fado às danças sevilhanas com passagem de vídeos, e exposição da vida da colectividade cujo palmarés conta com vários títulos nacionais no atletismo.

As inscrições devem ser efectuadas pelo telefone, 309 875 430, ou E-mail: geral@clubejoma.com.pt

Rugby – Taça de Portugal

Belas vence e segue na prova

Jogou-se no passado fim-de-semana a III Eliminatória da Taça de Portugal em Rugby, com o Belas R.C. a defrontar em casa, no domingo, dia 25, o Caldas, tendo vencido por expressivos 13-5.

Com este resultado, o conjunto de Belas segue em frente na prova, numa fase em que as equipas do escalão superior já entram na competição.

PUB.

LEILÃO
13 de Dezembro
2012

Abrunheira - SINTRA
Zona Industrial
Rua Fontes Pereira de Melo n.º 2, 4 e 10
Hora: 14h30m
GPS: N 38°46.182', D 9°21.021'

LC PREMIUM
LEILOEIROS

INSOLVENTE: CROMETAL - EMPRESA DE REVESTIMENTOS METALIZADOS, LDA.

TRIBUNAL DO COMÉRCIO DE LISBOA • PROC. N.º 1417/10.8TVLSB - 2.º JUÍZO

Por determinação do Exmo. Administrador de Insolvência e com o acordo da Comissão de Credores, vão ser postos em venda extrajudicial, por negociação particular com recurso a leilão, os bens arrolados a favor da massa insolvente.

Zona Industrial da Abrunheira - SINTRA
Rua Fontes Pereira de Melo n.ºs 2, 4 e 10

PRÉDIO URBANO - CASA DE R/C E 1º ANDAR DESTINADA A OFICINA E LOGRADOURO

Área Coberta: 1.200m² • Área Descoberta: 3.840m² • 1º CRP de Sintra sob o n.º: 1034/19890113

PRÉDIO URBANO - EDIFÍCIO DE R/C DESTINADO A ARMAZÉM E 1º ANDAR A ESCRITÓRIOS, C/ LOGRADOURO

Área Coberta: 1.200m² • Área Descoberta: 4.014m² • 1º CRP de Sintra sob o n.º: 2444/19950223

VISITAS: No próprio dia das 10h00m às 12h30m

RECHEIO COMPLETO DE EMPRESA REVESTIMENTOS METALIZADOS

EQUIPAMENTO DE ESCRITÓRIO • MÁQUINAS DE: PROVA HIDRÁULICA, DECAPAR, METALIZAR, LAVAGEM, LIMPEZA, NUMERAÇÃO, GASEIFICAÇÃO, RECTIFICAR ROSCAS E DE SOLDAR GARRAFAS • CABINES DE PINTURA, FORNO E ESTUFA DE SECAGEM, LINHA AÉREA DE TRANSPORTE, TRANSPORTADORES, ESTANTES DE RACOS, COMPRESSOR, APARELHOS DE SOLDAR • EMPILHADOR, VEÍCULO RENAULT (37-51-BX).

DOWNLOAD DE CATÁLOGO EM WWW.LCPREMIUM.PT INFOLINE: 275 951 420

ALMANAQUE

ANIVERSÁRIOS

Os assinantes são parte importante nesta e em qualquer publicação periódica. Desde sempre, vêm assumindo não só a expressão de apoiantes como de fiéis leitores, a quem, naturalmente, estamos gratos. Por ocasião de mais um aniversário natalício e porque as relações de cooperação têm base afectiva, o JS apresenta, aos assinantes abaixo mencionados, sinceros parabéns.

Sexta-feira, 30 de Novembro – Rafaela Jacinto da Costa Gil, de Jundiaí - Brasil, dra. Ana Maria da Conceição Prudêncio, Ana Maria Ferreira Ribeiro Salgado Alves, Priscila Lígia Rodrigues Garrido, Leopoldina Maria Branco, da Godigana, Preciosa Teresa Dias, Maria de Lurdes da Piedade Guerreiro, de Mem Martins, Dulce Antunes da Silva Vistas, de Morelena; Amadeu da Silva Martins, do Carrascal, Rui Manuel Damásio Ribeiro, Luis Augusto Bento, das Termas da Maceira, Francisco Olaivo Conde Júnior, Cesário Henriques de Lemos, Joaquim José da Costa Jorge, de Sintra, Vasco Miguel Fabricante Torres Pimenta, da Adraga.

Sábado, 1 de Dezembro – Alda Maria Franco Grilo de Azevedo, Carolina Costa, Natalina da Silva Moreira, Mercedes Figueira Gomes, de Sintra, Maria de Lurdes Brandão Silva Miranda, Marília Cavaleiro Semedo Capote, Maria Clara Parracho Simões, de Cascais, Natércia dos Anjos Vieira Mesquita, de Mem Martins, Jerónima Maria Pereira Jacob, da Ribeira de Sintra; José Miguel Simões, José Manuel Sebastião Guindolas, de Vila Verde, Miguel Ricardo Ferreira Ribeiro Salgado Alves, Carlos José Duarte de Sá, de Sintra, Cândido António Luís, Manuel Martins de Brito, de Lisboa, António Sebastião, de Palmeiros, Sabugo, Manuel Francisco da Cruz.

Domingo, 2 – Cristina Isabel Cavaleiro Semedo Capote, Gracinda Rodrigues, Marina Ferreira Ribeiro, Maria Odete dos Santos Carpinteiro, de Lisboa, Romana do Carmo Abreu, de Sintra; Armino Duarte Gomes, Manuel Rosa Duarte, do Ral, Manuel dos Santos do Cabo, José Cristóvão de Oliveira, da Terrugem, João Fausto Pinto de Miranda Ferreira Jordão, do Cacém.

Segunda-feira, 3 – Maria José Louçada Mechas, de Vila Verde, Judite Lourdes da Luz Pereira, do Sabugo, Teresa Maria Simões Alípio, Ana Filipa R. Marques Viegas, da Várzea de Sintra; Armando da Conceição Neves, Francisco Gonçalves, do Linho, João Pedro Santana de Almeida Campos, de Mem Martins.

Terça-feira, 4 – Palmira da Conceição dos Santos Bravo Martins, dra. Maria Almira Silva da Conceição, dra. Maria Lucinda da Silva Ventura, de Sintra, Maria Amélia Rosa Gaspar Quintino, da Baratã; Ricardo Nunes Medina, Tomaz Vicente Agostinho, do Algueirão, Vasco da Gama da Cruz Guerreiro, José dos Santos Nogueira, Vasco Carretas, de Montelavar, João Manuel Salgado Alves, Vitor Manuel Alegre Pedro, de Boimbre, Gonçalo Filipe Rodrigues Costa, do Magoito.

Quarta-feira, 5 – Elvira Maldonado, de Lisboa, Maria de Lourdes da Conceição Fernandes, Iria Clotilde Pedrosa Ferreira, dos Negrais, Luísa Maria Gomes Penaforte, de Sintra, Maria Cristina Galvão da Silva, de Almagem do Bispo; José Júlio Rato Nunes, do Mucifal.

Quinta-feira, 6 – Ana Sofia Norberto da Silva, Ana Margarida Gonçalves Mourão, Alexandrina Faria Ferreira, de Colares, D. Maria das Neves Mendes Vieira, da Assafora, Olímpia da Silva Jordão, Maria Madalena Medina da Silva Pinto Capote, de Coimbra, Virgínia Maria Bento, de Termas da Maceira, Felismina dos Santos Leão Gonzaga, Maria Clara Raposo Martins, de Albugos, Elisa Silva Soares, Elisa Sabino, da Abrunhosa, Matilde Moreira Rato, do Casal de Santo Amaro, Maria Helena Damião Roça Raio, Maria Inácia Pereira Jacob Bulário; Manuel da Silva Rodrigues, António E. Lourenço, de Casal de Pianos, Fernando José Luís Matias, Francisco Domingos Duarte, de Arneiro dos Marinheiros, Henrique Loureiro Paulo, de Lourel.

TELEF. URGÊNCIAS

Centro de Saúde de Sintra	21 924 77 70	Bombeiros Voluntários	
Hospital Amadora/Sintra	21 434 82 00	Aguilva-Cacém	21 914 00 45
G.N.R. (Sintra)	21 910 00 30	Algueirão-M. Martins	21 922 85 00
Polícia Municipal	21 910 72 10	Almoçageme	21 928 81 71
SMAS	800 204 781	Belas	21 431 17 15
E.D.P	805 506 506	Colares	21 929 00 27
Turismo - Est. de Sintra	21 924 16 23	Montelavar	21 927 10 90
Câmara Municipal de Sintra	21 923 85 00	Queluz	21 434 69 90
Centro Regional Seg. Social	808 266 266	São Pedro de Sintra	21 924 96 00
Tribunal Judicial de Sintra	21 923 43 70	Sintra	21 923 62 00

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

SERVIÇO PERMANENTE
Sexta-feira, dia 30: Simões Lopes (Queluz); Portela (Monte Abraão); Rico (Aguilva-Cacém); Do Forum Sintra (Rio de Mouro); Marques Rodrigues (Mem Martins); Do Magoito (Magoito).
Sábado, dia 1: Gil (Queluz); O'Neil Pedrosa (Massamá); Central (Aguilva-Cacém); Dumas Brousse (Rinchoa); Tapada das Mercês (Mercês); De Colares (Colares).
Domingo, dia 2: Zeller (Queluz); Baião Santos (Monte Abraão); Clotilde Dias (São Marcos); Fitaes (Fitaes); Fidalgo (Mem Martins); Da Praia das Maças (P. Maças).
Segunda-feira, dia 3: Queluz (Queluz); Pinto Leal (Massamá); Garcia (Cacém); Serra das Minas (Rio de Mouro); Cristina (Mem Martins); Crespo (Varzea de Sintra).
Terça-feira, dia 4: André (Queluz); Vasconcelos (Monte Abraão); Araújo e Sá (Aguilva-Cacém); Rio Mouro (Rio de Mouro); Almagem (Alm. Bispo); Da Terrugem (Terrugem).
Quarta-feira, dia 5: Correia (Queluz); Quinta das Flores (Massamá); Guerra Rico (Cacém); Cargaleiro Lourenço (Rinchoa); Química (Mem Martins); Casal de Cambra (C. de Cambra).
Quinta-feira, dia 6: Simões Lopes (Queluz); Idanha (Idanha); Rodrigues Garcia (Cacém); Do Forum Sintra (Rio de Mouro); Rodrigues Rato (Algueirão); Valentim (S. Pedro).
REFORÇOS
Sexta-feira, dia 30: Ferreira (Belas); Caldeira (Mira Sintra); Dumas Brousse (Rinchoa); Confiança (Pêro Pinheiro); Valentim (S. Pedro de Sintra).
Sábado, dia 1: Araújo e Sá (Aguilva-Cacém); Fitaes (Fitaes).
Domingo, dia 2: Araújo e Sá (Aguilva-Cacém); Dumas Brousse (Rinchoa).
Segunda-feira, dia 3: Ferreira (Belas); Mira Sintra (Mira Sintra); Dumas Brousse (Rinchoa); Confiança (Pêro Pinheiro); Tereza Garcia (Portela de Sintra).
Terça-feira, dia 4: Ferreira (Belas); Ascensão Nunes (Aguilva-Cacém); Dumas Brousse (Rinchoa); Confiança (Pêro Pinheiro); Tereza Garcia (Portela de Sintra).
Quarta-feira, 5: Ferreira (Belas); São Francisco Xavier (Urb. do Coitão); Dumas Brousse (Rinchoa); Confiança (Pêro Pinheiro); Tereza Garcia (Portela de Sintra).
Quinta-feira, 6: Ferreira (Belas); Clotilde Dias (São Marcos); Dumas Brousse (Rinchoa); Confiança (Pêro Pinheiro); Tereza Garcia (Portela de Sintra).

CULTURA

Sintra Pedro Abrunhosa no Olga Cadaval



A 23 Novembro, o Centro Cultural Olga Cadaval recebeu mais uma vez o músico, Pedro Abrunhosa, num espetáculo sob o tema «Canções».

Em relação a este concerto, Pedro Abrunhosa diz: - ... O Coração dos meus espetáculos tem nome: Canção. E tem função: Contar Histórias, minhas e de outros, onde não há heróis nem vilões mas sim palavras que apetece cantar...

O auditório Jorge Sampaio encheu, ficando lotado com cerca de mil espectadores que assistiram a este concerto de luz, musica, canções faladas, efeitos visuais, que tanto caracterizam este músico que continua a ter como imagem de marca, o uso permanente dos óculos escuros.

Paulo Escoto

Anúncios

JORNAL DE SINTRA, 30 DE NOVEMBRO DE 2012

PROPRIEDADES EMPREGO AUTOMÓVEIS DIVERSOS SOCIAL OBRIGATORIAS NECROLOGIA

HABITAÇÃO
Abrunheira – Arrendo Casa (junto ao talho), 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha, 1 casa de banho, e logradouro. Renda: 300 euros. Telef. 966400435.

Arrenda-se Apartamento T1, Ericeira. Contacto: 968412797/962613084.

GARAGEM, 2,5x8,4m Aluga-se para carro ou armazém. Local: Rua Ribeiro dos Reis n.º 17 - Mem Martins. Resposta: 967255469.

TRESPASSA-SE Café em Mem

Martins com recheio. Bom local. Renda barata. 15 mil euros. Contacto: 917350007.

EMPREGO
Técnico aduaneiro e de transportes internacionais Oferece-se para Empresa do ramo transitário e/ou Empresa de Import / Export. Telefone: 914851957

Procuo Emprego – Ofereço-me para tomar conta de idosos como interna. 913282760.

Licenciada em Matemática, procura emprego como professora

num Colégio em Sintra ou Cascais. Telef. 966071316.

Caixeiro com experiência de Jogos Santa Casa pretende emprego compatível. Telem. 922048179.

DIVERSOS
COMPRO LIVROS VELHOS, quadros, serigrafias, etc. Diversos de garagem e salão dos avós. Telem. 968071568. Email: luis.santos48000@gmail.com

PUB. JORNAL DE SINTRA, 30-11-2012

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE MONTELAVAR
PESSOA COLECTIVA DE UTILIDADE PÚBLICA ADMINISTRATIVA
CONTRIBUINTE N.º 501 440 623 • FUNDADA EM 30.03.1983
CORPO BOMBEIROS HOMOLOGADO EM 16.05.1984
FILIAL DA LIGA DOS BOMBEIROS PORTUGUESES

Assembleia Geral Convocatória
No uso das competências que me são conferidas pelo Artigo 44.º e em conformidade com o estipulado pelos Artigos 47.º a 49.º dos Estatutos da A.H.B.V.M., convoco a Assembleia Geral para reunir em Sessão Ordinária, no dia **14 de Dezembro de 2012, 6.ª feira às 21 horas, no Salão do Quartel Sede**, sito na Rua Maestro Alferes Álvaro Augusto de Sousa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:
Ponto Único: Apresentação, discussão e votação do Plano de Actividades e previsão do Orçamento para o ano de 2013.
Não se encontrando presente, à hora marcada, a maioria dos Sócios, funcionará a Assembleia Geral, em segunda convocatória, trinta minutos mais tarde, no mesmo local e data, com qualquer número de presenças e a mesma Ordem de Trabalhos.
Montelavar, 23 de Novembro de 2012.
O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
(a) *Alberto Manuel Matias Marques de Sousa*

Rua Maestro Alferes Álvaro Augusto de Sousa • 2715-666 Montelavar
Telefs. 219 271 090 – 219 271 221 • Fax: 219 672 365

NECROLOGIA, JORNAL DE SINTRA, 30-11-2012

MEMMARTINS

Participação de Falecimento e Agradecimento

Seus familiares participam o falecimento de seu ente querido ocorrido no dia 25 de Novembro de 2012 e agradecem reconhecidamente a todos quantos a acompanharam ou que de outra forma manifestaram o seu pesar.

A FUNERÁRIA SÃO JOÃO DAS LAMPAS
Sintra
Algueirão-Mem Martins
Telef. 808 20 15 00

Elisabete Soares Nogueira Rodrigues

ASSOCIAÇÃO HUMANITÁRIA DE BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS DE ALMOÇAGEME
ASSEMBLEIA GERAL
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA

A pedido da Direcção, nos termos da alínea a) do n.º 1 do Art.º 20 dos Estatutos, convoco uma Assembleia Geral Extraordinária para, de acordo com o previsto na alínea o) do Art.º 16, apresentar a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

Ponto Único: Proposta de alteração do Art.º 3, Capítulo I dos Estatutos da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários d Almoçageme.

.....

A Assembleia Geral Extraordinária terá lugar na Sede da Associação Humanitária de Bombeiros Voluntários de Almoçageme, na Av. Dr. Brandão de Vasconcelos, 82 – Almoçageme, no dia **14 de Dezembro de 2012 pelas 20h30**, se à hora marcada não se registar a presença da maioria dos sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois, qualquer que seja o número de sócios presente.

Almoçageme, 29 de Novembro de 2012.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,
(a) *António Fernando Correia de Campos*

ROTEIRO

Informações para esta página: tel. 219 106 831, fax 219 106 838 ou E-Mail: jornalsintra@mail.telepac.pt

Queluz — Concerto de Natal, pelo Grupo Coral de Queluz, dia 2 dez. às 17.30, na Igreja de Nossa Senhora da Conveição, Queluz.

TEATRO

Almoçagem/ Colares — “As Taradas”
Teatro Almoçagem apresenta a Comédia Musical de Eduardo Damas e encenação de Pedro Miguel Carvalho
Quando: Dias 2 e 8 Dez. Aos sábados, às 21.45h, domingos, 16.45h.
Onde: Sociedade Recreativa e Musical de Almoçagem.
Informações e Bilheteira: 21 929 33 82 / 917611757

Monte Abraão / Queluz — “Mary Poppins - A Mulher que Salvou o Mundo”, Pelo Teatro do Elétrico
Onde: Espaço Teatrosfera
Quando: Até 16 dezembro, 6.ª feira às 21.30h, sábados 16.30h, 21.30h, domingos às 16.30h.
Contacto: 21 430 34 04

EXPOSIÇÕES

Sintra — “Mostra da Coleção de Minerais do Museu de História Natural de Sintra”
Quando: Até 30 dezembro
Onde: Museu de História Natural de Sintra.
Contacto: 21 923 85 63

Sintra — “O Mundo Maravilhoso de Walt Disney”,
Exposição temporária

Onde: Museu do Brinquedo
Quando: Até final do ano.
Contacto: 21 924 21 71

Sintra — Sintra Arte Pública IX “Os Mitos e a Mitologia”,
Exposição de Escultura ao ar live
Onde: Volta do Duque
Quando: Até 10 junho 2013

Sintra — “Os Sentidos da Memória”,
Exposição de pintura e desenho de Artur Bual, Dorindo Carvalho, Figueiredo Sobral e João Ayres.
Quando: Até 30 dez.
Onde: Espaço Edla
Contacto: 92 597 01 31

Sintra — Exposição de Pintura de Edmundo Cruz
Quando: Até 12 dez.
Onde: Galeria Municipal de Sintra
Contacto: 21 923 69 32/26

Sintra — “Perspectivas de Sintra”
Quando: Até 30 dezembro
Onde: Galeria da Coleção Municipal de Arte
Contacto: 21 923 99 28

Sintra — “José Alfredo da Costa Azevedo”,
Exposição documental
Onde: Câmara Municipal de Sintra
Quando: Até 31 dezembro
Contacto: 21 923 69 09

Sintra — “Dis Manibvs - Rituais da Morte durante a Romanidade”
Exposição temporária que o Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas apresenta no Casino de Sintra
Onde: Casino de Sintra,

de terça a domingo, das 10h às 17h.
Quando: Até 30 dezembro

Sintra — D’Época”, exposição de pintura e fotografia por Ana Vieira Ribeiro e Henrique Vieira Ribeiro
Quando: Até 13 dezembro
Onde: Café Saudade
Contacto: 21 442 88 04

Sintra — “Trazer os Morcegos à Luz do Dia”
Onde: Vila Alda.
Quando: Até 5 dez.
Contacto: 21 923 87 66

Sintra — Exposição de Presépios
Inserida no projecto “Missão: Guiné”
Quando: 1 dezembro, 10h
Onde: Igreja de S. Martinho, Vila Velha

Chão de Meninos — “Princesas de Arcádia”,
Exposição de pintura de Fernando Gaspar
Onde: LM - Galeria de Arte Contemporânea
Quando: De 8 dez. até 5 jan. 2013.
Contacto: 21 924 30 96

Odrinhas — “Ossos que Contam História”,
Exposição temporária
Quando: Até 12 de janeiro
Onde: Museu Arqueológico de Odrinhas. Cont: 21 960 95 20

Cabo da Roca — “O Farol dos Navegantes”,
Exposição de fotografia
Onde: Posto de Turismo do Cabo da Roca
Quando: Das 9h às 19.30h.
Contacto: 21 928 00 81

Mira Sintra — Exposição de Artesanato — Atribuição do Selo de Qualidade ao Artesanato do Concelho 2012
Onde: Casa da Cultura de Mira Sintra.
Quando: Até 9 dez.
Contacto: 21 912 82 70

Rinchoa — Exposição de obras de artistas populares do concelho
Onde: Casa Museu Leal da Câmara
Quando: Até 31 de dezembro
Contacto: 21 916 53 03

DANÇA

Sintra — “O Lago dos Cisnes”,
Pelo Ballet Nacional Russo e Orq. Sinfónica estatal Russa
Quando: 15 dez. às 18h.
Onde: Auditório Jorge Sampaio Centro Cultural Olga Cadaval
Contacto: 21 910 71 10

MUSICA

Queluz — Concerto de Natal
Organização: Grupo Coral de Queluz
Quando: 2 dez. às 17.30
Onde: Igreja de Nossa Senhora da Conveição, Queluz

Sintra — “As Canções de Maria”,
Quando: 9 dez. às 16h.
Onde: Auditório Jorge Sampaio

Centro Cultural Olga Cadaval

Sintra — “Concerto para Bebés”,
Um concerto de Presépios
Quando: 16 dez. às 10h. e 11.30h
Onde: Palco do Auditório Jorge Sampaio Centro Cultural Olga Cadaval

CINEMA

CINEMA CITY BELOURA
Shopping: 219247643
“Madagascar 3” VP, na sala 1, às 11.40h.
“Mata-os Suavemente”, na sala 1, às 13.40h, 19.55h, 00.35h.
“Mata-os Suavemente”, na sala 3, às 21.50h.
“Mata-os Suavemente”, na sala 4, às 15.40h, 17.35h.
“A Origem dos Guardiões” VP 3D, na sala 1, às 15.50h, 17.55h.
“A Origem dos Guardiões” VP 3D, na sala 2, às 11.30h, 13.35h, 19.45h.
“A Origem dos Guardiões” VP, na sala 2, às 15.35h, 17.40h.
“A Origem dos Guardiões” VP, na sala 7, às 19.40h.
“A Origem dos Guardiões” VP, na sala VIP, às 11.20h, 13.25h.
“A Origem dos Guardiões” VO, na sala 2, às 21.50h, 23.55h.
“007 Skyfall”, na sala 1, às 21.45h.
“007 Skyfall”, na sala VIP, às 18.50h.
Curta “O Rapaz de Papel” + “Força Ralph” VP, na sala 3, às 11.25h, 13.45h, 16.05h.
Curta “O Rapaz de Papel” + “Força Ralph” VP 3D, na sala 7, às 11.25h.

“A Advogada”, na sala 3, às 16.05h.
“A Advogada”, na sala 4, às 13.35h, 00.15h.
“Cloud Atlas”, na sala 3, às 18.30h, 23.50h.
“Cloud Atlas”, na sala 6, às 13.10h.
“Cloud Atlas”, na sala VIP, às 15.30h, 21.30h.
Curta “La Luna” + Brave - Indomável VP, na sala 4, às 11.30h.
“Argo”, na sala 4, às 19.30h, 21.55h.
“As Voltas da Vida”, na sala 5-K, às 13.50h, 16h, 19h, 21.40h, 00.05h.
“A Saga Twilight: Amanhecer Parte 2”, na sala 6, às 16.30h, 18.45h, 21.35h, 00h.
“As Vantagens de Ser Invisível”, na sala 7, às 13.45h, 15.45h, 00.35h.
“O Substituto”, na sala 7, às 17.45h.
“A Oeste de Memphis”, na sala 7, às 21.45h.

SINTRA — CENTRO CULTURAL OLGA CADAVAL
Cortex — 3.º Festival de curtas metragens de Sintra - 28 nov. a 2 dez
Onde: Auditório Acácio Barreiros, do Centro Cultural Olga Cadaval
Contacto: 21 910 71 10

XI Mostra de Documentários sobre Direitos Humanos
Quando: 14, 15, 16 dezembro
Onde: Auditório Acácio Barreiros do Centro Cultural Olga Cadaval
Contacto: 21 910 71 10

Leia, assine e divulgue o Jornal de Sintra

televisão

Uma das melhores novelas de sempre

AINDA HÁ UNS DIAS um amigo me falava que tinha revisto um episódio de “Columbo” onde entravam dois cães e que, de imediato, se tinha lembrado de mim e das minhas cadelas. Já não me recordo exatamente da conversa, mas creio que os cães de “Columbo” eram (esperava ele) bem piores do que as minhas. As minhas, de facto, são quase umas santas — o que não quer dizer que não me levantem problemas, e são diversos. O mais recente tem a ver com a hora a que são passeadas à noite (caramba, fui eu que as habituei!) e que, agora, coincide com a hora a que é exibida a novela “Avenida Brasil”. E isto constitui um problema, porque é uma novela que não quero perder, por ser a melhor de todas as que estão em exibição. Isto não é bem verdade, até parece que é a melhor por comparação com as outras quando não é esse o caso. É a melhor em termos absolutos e só acho que não entra no top 5 das audiências por passar a uma hora estranha, já muito tarde. Isso: a hora a que as minhas cadelas passeiam à noite. Por esse país fora, àquela hora, andarão pessoas como eu a passear cadelas (ou cães) como as minhas e a perder a “Avenida Brasil”. É uma possibilidade.

QUE TEMENTÃO “Avenida Brasil” que as outras não tenham? Tem um toque de realidade que muitas das novelas da Globo não conseguem ter. Tem drama, vingança, vigarice, engano, quiproquós, desgraças, tragédias humanas, desforras, intrujices, trapaças, que muitas das novelas da Globo não conseguem ter. Para já, porque consegue reunir, em grande forma, a fantástica Débora Falabella, a sempre impressionante Adriana Esteves. E poderia preencher o resto da crónica com os nomes dos atores que entram na novela. Quero apenas referir mais uma: Vera Holtz, a mãe Lucinda que criou os dois jovens no lixão e é, quase todos os dias (ou aqueles em que aparece) uma personagem de ir às lágrimas — como ela própria tantas vezes vai. Esta intensidade, esta capacidade camaleónica dos atores não se encontra na maioria das novelas da Globo: nessa maioria, as personagens limitam-se (e já não é pouco) a levar a sua *persona* até ao fim, no mesmo registo, com os tiques que o argumentista lhes destinou e nada mais. Aqui é outra coisa. Aqui, como se dizia quando eu era pequeno, é outra loiça! Todos os dias espero pela hora de “Avenida Brasil” — e nunca o lamentei. E não sei como explicar à Rita e à Marta, as minhas cadelas, que têm de ir à rua mais cedo ou então só mais tarde. Não parece que me entendam...

EN TRE O CASO de Rui Barreto, do CDS Madeira, que corajosamente votou contra o Orçamento de Estado para 2013 (e possivelmente enfrentando duras represálias) e o de Nuno Santos, diretor de informação da RTP, não sei de quem fale. Julgo que um e outro fizeram o que lhes competia — e lamento que não haja mais Barretos e Santos na Assembleia e na RTP. Rui Barreto, sabemo-lo, marcou uma posição em relação à Madeira, ao passo que Nuno Santos a terá marcado em nome próprio. A posição do primeiro ficou clara na última terça-feira, mas a do segundo não se percebe: apresentou a demissão do cargo, mas continua a aparecer como tendo as mesmas funções nos genéricos dos programas, apesar da demissão e, ainda terça-feira o viu em antena, a apresentar um programa. Isto não será muito confuso para toda a gente? Não seria bom que as coisas se clarificassem, que se dissesse um “ainda continua em funções até” um qualquer coisa, qualquer que ele fosse?



Bernardo de Brito e Cunha

HÁ 10 ANOS ESCREVIA

«De repente, caiu em cima de todos nós o caso de pedofilia da Casa Pia de Lisboa, numa reportagem da SIC em conjunto com o semanário Expresso. Estranhamente, diria eu. E estranhamente porquê? Porque esta história tem um pouco mais de 20 anos e, durante todo esse tempo, todos os envolvidos se esqueceram do caso. Esqueceram? Como é possível esquecer um caso de pedofilia? E, de repente, temos todos visto nos mais diversos canais, há sempre uma pessoa nova a dizer que tinha conhecimento da queixa, ou que tinha sido despedido porque protestara contra as regalias do senhor Silvino, ou porque era agente da Polícia Judiciária e vinha (tentar) explicar que a polícia tinha mudado de sistema, que tinha passado do manual para os computadores e que, caramba!, durante essa transferência, não é que as denúncias se tinham perdido? (...) E isto, claro, tem a ver com Teresa Costa Macedo: ela que há 20 anos encaminhou as queixas para quem de direito, como pode ter estado 20 anos calada, ao ver que não acontecia nada?»

(Este bloco respeita a grafia em uso no ano em que foi escrito.)



foto: idalina grácio

Edilidade atribui Medalha de Mérito – Cultura ao fundador do Chão de Oliva

Ouro para Alvim

João de Melo Alvim, a quem esta terra muito deve, recebeu no dia 15 de Novembro na Sala de Teatro de Sintra, das mãos de Fernando Seara, presidente da CMS a Medalha de Mérito Municipal (Grau Ouro) perante figuras da cultura, da política e amigos. Deram testemunhos da sua vida e vasta obra Carla Dias, assistente geral do Chão de Oliva, Fernando Seara e Maria Almira Medina, amiga e parceira na área da Cultura de que destacamos o seu depoimento.

E escreveu Agustina que “as memórias procriam como se fossem pessoas vivas”. Seres buliçosos que somos – e enredados na procura de um sentido para a vida – incautos seremos se as memórias não forem cúmplices da nossa viagem. Virginiano (abençoado signo!), arrumadinho, perfeccionista, João de Melo Alvim deu de caras comigo, virginiana, arrumadinha, perfeccionista, há cerca de trinta anos. Traquinas que também somos, forjámos, de imediato, uma traquinice de opiniões antagónicas de que o João saiu vitorioso, dado que mais prevenido do que eu. Ficámos amigos.

A memória desbobina-me episódios que apenas abordo, agora: a sua colaboração preciosa, no jornal fundado por meu pai e que eu, então, dirigia com o meu filho; o apoio que sempre lhe demos, já que o sentido de justiça era com ele viandante de múltiplos caminhos em função de uma única meta – o crescimento cultural; ele, sempre abdicando da paz podre, numa busca existencial, determinada, que o incentivou a fazer emergir o teatro como via primordial para a aprendizagem da liberdade, da democracia e da educação – o teatro que, ainda, não é disciplina obrigatória nas escolas; ele, a quem, não há muito tempo, foi movido um processo judicial por discordância das suas opiniões, com a alegação de que eram insultuosas. Fui uma das suas testemunhas de defesa. O João saiu ilibado – a situação era anacrónica; participei, também, nos seminários que organizou para alargamento de conhecimentos no ensino de teatro. Recordo,



João de Melo Alvim, homem do teatro, jornalista, professor, agradece a distinção num discurso emotivo e envolvente



Maria Almira Medina, parceira e amiga

a propósito, Maria João Fontainhas, que, de secretária passou a atriz e que, mais tarde, assumiu o papel de “Menina Girassol”, aquando da teatralização e encenação de textos meus da responsabilidade de João Alvim e José Ramalho. Doce e saudosa é a lembrança dessa senhora-menina que foi a primeira profissional da Casa de Teatro – Chão de Oliva (olá, sempre, Maria João); mas quem conhece o poeta João de Melo Alvim? Ei-lo, aqui mesmo:

Na vertigem ainda claro é o tempo. Olha: do caule são os ramos, as folhas, também os frutos – e o tempo de os colher em vertigem.

Na vertigem ainda mais clara é o tempo e o rio em louco lamamento dos sustentidos de sol e silêncio.

Um trilho. Um amigo e a canção, como um manto multicolor, ou

um rebanho de estrelas. Perder e não achar o tempo. Um tempo de colheita e sangue a ferver, em vertigem.

(in “Anuário de Poesia”, 1984, página 84, da Assirio & Alvim)

Ao poeta, ao pintor, ao jornalista, ao pedagogo, ao professor, ao homem do teatro do Chão de Oliva, ao amigo, o meu reconhecimento. O reconhecimento do poder local é um ato de justiça inequívoco. Nem sempre acontece, nestes conturbados tempos em que a ética e a criatividade interventiva vão sendo menosprezados. Apraz-me parafrasear Saramago que, precisamente hoje, faria noventa anos: “morre quem, num determinado momento, não quer saber, pelo saber do entendimento, onde nasceu”. O tal olhar lúcido sobre si mesmo, não é, João de Melo Alvim? Um beijo para si.

Maria Almira Medina

PUB.

ivo cardoso, lda.



ARMAZENISTA - GROSSISTA - RETALHISTA - EXPORTADOR

- * TUBOS DE GRÉS
- * TUBOS DE PVC
- * TUBOS DE BETÃO
- * TAMPAS DE FERRO
- * SUMIDOUROS DE FERRO
- * ACESSÓRIOS DE FERRO PARA ÁGUAS
- * CAL HIDRATADA E CIMENTO, ETC
- * SEMPRE AOS MAIS BAIXOS PREÇOS

Aplicar os nossos materiais, é acompanhar os progressos do mundo

SEDE E ARMAZÉNS GERAIS: RUA CIDADE DE HULL, N.º 12
2735 - 211 CACÉM

TELEF. 214 318 120 • FAX: 214 318 129 • APARTADO 9 - 2606-801 BELAS

Sociedade Anónima – Capital Social 250.000,00 E
Mat. na Cons. Reg. Com. de Sintra sob o n.º 1291 – FUNDADA EM 1970